



O SEGUNDO TRAVESSEIRO **moa sipriano**

m o a s i p r i a n o . c o m

O SEGUNDO TRAVESSEIRO

Moa Sipriano

Inferno

Véspera de Natal!

Na penumbra, o relógio caquético da sala indicava cinco da tarde. Dominado pelo tédio, com a ponta enluvada de um dedo dorminhoco, eu rabiscava um sol dono de um sorriso estúpido, gaivotas raquíticas e casinhas meigas suportando o peso de imensas chaminés no vapor formado pelo meu hálito sabor “chocolate quente com dez quilos de açúcar”, que havia tingido um dos vidros translúcidos da única janela decadente da minha sala sem cores, só contrastes.

Lá fora, a chuva não dava uma trégua sequer desde as primeiras horas da manhã, desabando sem piedade sobre nossas casas de madeira. Um frio sorrateiro congelava meus instintos mais primitivos.

Dezembro de festas. Nosso verão estava atrasado.

Que tempo louco!

Eu me sentia como se estivesse numa Nova Iorque de sonhos, imaginando toneladas de neve cobrindo todas as mazelas do homem rico, enquanto azulados flocos esparsos tentavam reanimar as esperanças daqueles que ainda acreditavam no Espírito do Natal.

Chegávamos ao fim de 2001.

Eu me esforçava para acreditar que era o começo de uma nova era.

O universo realmente havia mudado.

Climas estranhos. Pessoas confusas e cada vez mais egoístas. Países destroçados lambendo suas desconfortáveis feridas reabertas.

Impossível não relembrar a todo o momento que uma nação poderosa havia sido esfaqueada pela frente e pelas costas. Tum! Tum! Lanças flamejantes encravadas no coração do mundo.

Naquele dia fatídico, chorei até perder o controle de mim-eu-mesmo, enquanto permanecia estacado com os olhos grudados na tela cansada, por horas a fio, zapeando entre todos os noticiários a fim de arrecadar o máximo de informações possíveis a respeito do Absurdo.

Rememoro os silvos de incredulidade das pessoas que tentavam compreender o que estava acontecendo no Dia de Trevas.

Acuado e apalermado, eu travava uma batalha intensa contra minha mente e meu coração, procurando descobrir o porquê de uma ausência sem sentido.

Evoco Gut, meu marido, e deságuo minha saudade ao presentir suas sombras pairando atrás do meu espírito achamboado.

Após dias de inquietação, ele abandonou o nosso lar mascavo sem dar maiores explicações. Tudo terminou com um sofrível “vou sair e volto no final da tarde” e um beijo úmido na minha face esquerda, adormentada, às cinco da manhã do último dia de setembro.

Ou seria o primeiro raiar de outubro?

Não houve um adeus.

Já era outra noite quando me peguei caminhando de um cômodo a outro da casa, preocupado e efervescente, insistindo em avaliar quem eu julgava ter sido meu homem, meu companheiro, meu mais improvável amante.

Eu queria respostas. Ou, pelo menos, compreender os meandros da ausência de lógica e verdades. Assumi um desespero ascendente, pois eu não encontrava uma razão para aquela “fuga”.

Cinco anos inúteis?

Onde ele estava?

Perdi a conta dos inúmeros e repetidos telefonemas que disparei contra todos os nossos conhecidos.

Tontificados, ninguém sabia de nada!

Gut partiu para uma dimensão paralela, amparado nos braços da Senhora Aventura.

Foi a minha terceira morte.

Em seguidas madrugadas, atônito, eu perambulava pela casa num rastejar aleatório, apreciando diversas coisas materiais conquistadas em conjunto, simplesmente, deixadas para trás.

Roupas, sapatos, joias, relógios... objetos que trouxeram efêmeras alegrias e profundas emoções, resultado direto das vitórias e sucessos de uma vida em comum.

Até a bendita roupa de mergulho e os caros trambolhos submarinos ainda permaneciam espalhados pela garagem, à espera do seu único e legítimo dono.

Net e Web, nossos obesos ursos canadenses de pelúcia, amanheceram desnudos, jogados e ignorados num canto do sofá.

Eu passei a dormir no chão.

Resumindo a ópera-bufa: Da nossa trincheira partiu meu homem carregando somente a pochete com os documentos essenciais, um cartão de crédito vencido, nossa única foto abraçados e sorridentes comemorando cinco anos de “casados” num badalado restaurante na Cidade Cinzenta; o capacete vermelho esfolado na altura da nuca e a indefectível jaqueta de couro “exterminador do futuro... incerto”.

Nada mais.

Gut evaporou-se nas brumas de outubro, montado em sua moto 1975, recentemente restaurada a um custo exorbitante, minando boa parte das nossas economias.

Eu nunca mais fui o mesmo.

Seguiram-se meses de anulação suprema.

Eu ansiava por respostas concretas para diversas perguntas que ficaram pairando no entorno da misteriosa brisa loveana.

* * *

Vinte e quatro. Onze e meia.

As crianças aproveitavam a trégua dos céus para aporrinhar os adultos em busca de guloseimas multicoloridas e delicadas lembranças natalinas.

Era a nossa tradição, copiada sem vergonhas da grande festa americana em homenagem às bruxas fofas ou más.

Pouco antes da meia-noite, a turba mirim saía em disparada, batendo de porta em porta, entoando trechos de canções santaclausianas num dialeto parte em alemão perfeito, parte em português capenga, enquanto o dono da casa visitada procurava dividir, entre as crianças e alguns marmanjos, balas, doces e fatias de bolos confeitados com criatividade e esmero, envoltos num branquíssimo tecido de algodão.

A algazarra ganhava espaço quando os pimpolhos eram presenteados, além dos doces, com carrinhos de madeira e bonecas de pano. Tudo carregado de cor, fofura e alegrias, produzido com dedicação extrema, técnica milenar e paciência infinita pelos grandes artesãos da ilha.

Eu também fazia a minha parte, preparando ao longo do ano pequenos livretos com poesias de elevado astral e dezenas de figuras para colorir.

As frases poéticas eram de minha autoria. Os desenhos de traços simples e deliciosamente infantis eram frutos do talento de Gut, um maravilhoso ilustrador incompreendido. Felizmente, antes da abdução, meu ex-marido havia deixado imagens suficientes para alegrar uma infinidade de dezembros adiante.

Eu acomodava os livretos no centro de latas individuais decoradas com carinho, onde lápis coloridos e borrachas perfumadas completavam o presente educativo.

Quanta alegria e orgulho sentir que minhas latas literárias eram disputadas “no tapa” (risos)... e não só pelos pequenos!

Os sinos da igreja de São Crabedean destilaram seus gritos agudos e harmoniosos, nove segundos antes da meia-noite oficial.

Uma saraivada de “boas-festas” e “feliz natal” entoada ora em alemão, ora em português, algumas vezes em inglês, tentava sufocar, em vão, as badaladas sagradas de uma festa profana. Sorrisos e abraços sociais eram compartilhados com honesta sinceridade. Boa parte dos nativos da ilha ainda mantém o egoísmo trancado a sete chaves.

Eu sentia as vibrações de toda aquela alegria à distância, soterrado debaixo do edredom, enquanto meus sentimentos destroçados e minha solidão esmagadora eram asfixiados no último grau do vapor etílico que rodopiava nas veias do meu ser decadente.

As garrafas vazias de Budweiser rolavam sobre o piso de madeira, acarinhadas ao som dançante dos sinos de belém-bein-bein misturados com The Beloved, segundo minha audição difusa.

Bêbado, sempre bêbado em ocasiões especiais.

Eu sou um bicho antissocial.

Desde que Gut partiu, eu vivia como um ermitão trancafiado em casa, envolto numa vontade consciente, destrutiva, autopiedosa.

Eu só me ausentava do fétido labirinto por uma hora – hora e meia no máximo! – durante as assustadoras quartas-feiras, quando eu precisava entregar meus textos datilografados ao meu editor estressado, afunilado em seu escritório nicotinoso, bem no centro de Lovland, quatrocentos e trinta e sete passos além da minha caverna.

Por intervenção da Santa Ironia, meu sustento vinha da publicação semanal de um prolongado artigo de autoajuda na segunda página em preto e branco do nosso jornal local. Meus criativos e afamados parágrafos “pra cima” mimavam a esperança do meu povo.

* * *

Cheguei a distinguir insistentes batidas na porta da sala.

Imaginei meu sobrenome (McBee, McBeeeee!) sendo proferido por vozes masculinas e femininas em unísono.

A casa apagada e melancólica espantou os espíritos alegres e festeiros, que foram gozar seus momentos mágicos em outras bandas.

Net e Web recuperaram o direito de permanecer enfiados e aquecidos no meio das minhas coxas finas, desprovidas de pelos, que tiritavam sem cessar embaixo do almofadado.

Adormeci. Trêpado e comatoso.

* * *

Despertei aos pulos e trancos por volta das dez da manhã de um vinte e cinco frigidíssimo e distante.

Clara, minha vizinha, fã número dois dos meus artigos, quase destruiu a janela do meu quarto, implorando aos berros para que eu acordasse, levantasse o mais rápido possível e ligasse a televisão.

Entre insistentes gemidos e doloridos sussurros, confirmei minha presença na moradia e arrastei meu cinzento corpo estropiado até minha sala descolorida.

Mal eu havia destravado a pesada porta, Clara invadiu meu castelo, esbaforida, olhando-me de cima a baixo com cara de nojo, ao perceber meu estado deplorável acompanhado do meu hálito afasta-bofe.

Sentei-me de qualquer jeito no grande sofá, enquanto Pôcultura tentava descobrir qual botão desfigurado do controle remoto ligaria a ancestral televisão.

Mesmo antes de a imagem ganhar nitidez na tela de vinte polegadas, o som grave e assustador de sirenes e tumultos generalizados atinou de vez meu nono sentido.

A orgulhosa ponte que liga Lovland ao mundo do lado de lá fora palco de uma tragédia. Luzes vermelhas e azuis tentavam quebrar as sombras daquele dia de Natal agora sem festas.

O primitivo ônibus do Sr. Raasch praticamente havia se partido ao meio!

Malas, bolsas, presentes e enfeites enlameados, ferros retorcidos e corpos desfocados pululavam na tela, quadriculados.

A voz embargada da repórter da TV Cidade Cinzenta – o primeiro caos do continente ligado à minha ilha tranquila através daquela ponte – ruminava com imperfeita precisão as dimensões do impossível.

De acordo com algumas testemunhas, algo havia se soltado da traseira do veículo, fazendo com que o mesmo ganhasse uma velocidade descontrolada. Segundos depois, as rodas dianteiras travaram, provocando o inevitável capotamento.

O ônibus bateu violentamente numa mureta de concreto localizada quase no final da ponte, logo na entrada da ilha, pouco antes do pórtico de boas-vindas, rodopiando sobre seu próprio carma, até se desmanchar num canto do asfalto molhado, do outro lado da pista. Dos vinte e oito passageiros, nove terminaram aquela manhã de Natal ao lado de Deus.

Implorei para Clara me deixar sozinho. Eu não estava disposto a dividir comentários e adivinhações conspiratórias sobre um novo desastre coletivo.

Minha amiga perguntou ao menos trinta vezes se eu ia ficar bem, observando meu estado crítico em acelerada decomposição, preocupada com meus olhos inchados gotejando tristeza e cansaço. Meu falso sorriso abatido envolto num hálito fétido despachou minha caridosa visita insistente.

Preparei uma dose cavalariça de açúcar com café e mais uma vez permaneci aturdido diante das imagens ao vivo, projetadas pelo grande reproduzidor de mundos disformes.

Eu sorvia goles fumegantes que feriam o céu da minha boca e minha garganta atrofiada. O vapor que fugia galopante da minha caneca de ágata turvava meu olhar mareado. Dezenas de lágrimas deslizavam na devassidão do meu rosto contorcido.

No final daquela outra manhã macabra, todos na ilha já sabiam as identidades dos seus desencarnados.

O tempo corria fora de compasso.

Eu pressentia lapsos de movimento além do meu reino das portas seladas. Idas e vindas de pessoas certamente boquiabertas, atarantadas, buscando o alívio num ombro amigo disposto a aguentar um fardo deveras insuportável.

E eu ali, o Senhor das Consolações, impotente, sem uma única palavra de amparo aos meus fiéis leitores.

Um poltrão. Era isso o que eu era.

Felizmente, na confusão, todos esqueceram Sven McBee Cabelo de Cenoura.

Eu também havia morrido para os amigos.

* * *

Oito e treze de outra noite desoladora.

O último gole de um chá sem graça sambava no interior das minhas bochechas murchas. Deixei a televisão sem som durante um tempo não mensurado.

Eu não suportava ouvir o sofrimento dos meus conhecidos estampado na tela. Sons excruciantes de almas alemãs que perderam seus filhos, amigos, conhecidos ou amantes... todos tão amados!

Eu sempre sonhei em ver Lovland na TV.

Mas não daquela maneira.

Tentei tomar um banho, curar-me da ressaca e do abalo psicológico a que havia me submetido.

Não consegui permanecer mais do que alguns segundos debaixo das águas queimantes. As violentas gotas despencadas do chuveiro rasgavam minha pele, atingindo sem piedade o meu espírito derrotado.

Cabisbaixo, voltei derrotado para a sala, envolto no velho roupão felpudo que um dia fora do meu último marido; aquele palerma abduzido pela sua própria ignorância.

Respostas.

Eu exigia as respostas de um ato baixo e insensato.

Gut, cadê ocê meubranco?

De onde estiver, será que você está acompanhando o nosso sofrimento agora, ao vivo e em cores dessaturadas?

Uma imagem despertou meu coração assim que ele abrolhou diante dos meus olhos, roubando de imediato minha atenção.

O corpanzil róseo, deturpado por uma desfigurada fonte de luz branca, estava retesado num canto da grande pilastra de concreto que sustentava a estrutura da nossa rodoviária modernosa.

Um repórter forasteiro, insensível, tentava sequestrar mais alguma informação daquele homem destruído pela tragédia ocorrida horas atrás.

Aumentei o som da TV, na esperança de captar a essência da dor do entrevistado. Entre soluços angustiantes, o homem relatava sua impotência diante do acontecido. Pelo que fui capaz de discernir, somente por volta das onze da manhã do fatídico Natal é que ele soube que houvera um acidente envolvendo toda sua família. Aquele rosto rústico, enevoado numa profunda poça de lágrimas de sangue ao encarar a impossível despedida, espargia sua inconformidade diante da câmera bisbilhoteira e sensacionalista, que perscrutava seu semblante alterado, tenso, alarmado.

Captei no seu olhar o vazio da minha alma, pois fora exatamente a mesma dor que eu havia sentido quando perdi meu pai, depois minha mãe e, de certa forma, também quando perdi Gut para não sei o que, quem ou onde.

Aceitar que uma pessoa que você ama não existe mais por causa de um acontecimento previsto (meus pais morreram de câncer: ele no pulmão; ela na laringe – tudo por causa do maldito cigarro de palha) é algo doloroso, mas compreensível. Ainda me revolto, puteado, ao lembrar que conscientes dos males do fumo, eles jamais se cuidaram.

Agora, perder alguém que um dia simplesmente resolveu evaporar-se, é algo muito estranho, pois você se vê isento de parâmetros para traçar e avaliar os fatos com acuidade.

Desliguei a velha Panasonic. Corri para o meu quarto.

Meu rosto estava encharcado em desalento. Gritei, soluzei, me debati sobre a cama desfeita... no seu lado esquerdo.

Encarei o segundo travesseiro no lado direito do desencantado ninho de amor.

Sentia-me sozinho, destroçado, amaldiçoado.

Eu queria aliviar minha dor no abraço apertado de um amor ausente.

O grito rasgado no olhar daquele loveano havia sido gravado a fogo nas minhas retinas dilaceradas. O fogo da compreensão imutável de quem passou pela nefasta experiência da Senhora Dor a estuprar impiedosamente nossos espíritos impotentes.

De um só golpe, aquele cidadão havia perdido não apenas sua família, mas também qualquer perspectiva de futuro, tornando-se mais uma vítima da solidão involuntária, enfurnado num sofrimento diabólico que o consumiria por anos e anos e anos a fio.

Em uma débil oração, implorei para que qualquer qualidade de “deus” o protegesse. Senti em sonhos, por alguns microssegundos, aquela alma arruinada sendo beatificada pelas minhas mãos experientes, abençoadas, tranquilizadoras.

Mudar a posição. Colocar-se no lugar do outro. Distribuir carinho e receber um único momento de atenção. Eis a chave do verdadeiro equilíbrio.

Ah, se eu soubesse voitar... eu queria ser o anjo da guarda daquele Esquecido.

“Eu aniquilaria as fisgadas da sua dor com a passagem do meu amor canforado, meu amedrontado desconhecido”, viajei, entre sonhos REMnianos.

Eu conhecia em profundidade os meandros daquele sofrimento. Bêbado, morri entre soluços derreados, abençoado por lágrimas cáusticas.

Purgatório

Fui obrigado a modificar minha rotina.

Na primeira sonolenta segunda-feira de abril, sem um pingão de vontade de participar das comemorações de sete anos de existência da Folha da Ilha, eu depositava sobre as mãos macilentas da minha adorada Sra. Köhler, secretária do meu editor, mais um extenso artigo datilografado, onde inspirada cadência de recicladas frases de consolo e incentivo tentavam dissuadir a lazarenta da Senhorita Angústia, a Virgem, que insistia em mortificar – como uma chaga! – os corações dos habitantes de Lovland.

A temporada de verão foi um tremendo fiasco. De uma hora para outra, o tempo enlouqueceu, chuvas torrenciais e ventos indomáveis empaparam nossas praias, afugentando os tradicionais jovens surfistas endinheirados que, desiludidos, foram se aventurar em outras paragens.

Poucos gatos pingados, basicamente nossos vizinhos argentinos – sempre os mais velhos, falantes e barrigudos – deram as caras nas praias, bares e pousadas de uma irreconhecível comunidade quase fantasma.

Num rodopio violento e vicioso, a tristeza pela perda de nove vidas cheias de virtudes e alegrias embotara de vez os ânimos loveanos.

Os pescadores fanfarrões já não relatavam mais suas hilariantes inverdades com disposição e vitalidade. As lavadeiras e fiandeiras velhas, solteiras e fofoqueiras, também não destilavam mais seus deliciosos venenos sobre tudo o que ocorria nas vidas alheias. Até as crianças já não sorriam, brincavam ou se divertiam livremente no colégio ou no parque público como faziam antes da tragédia do final do ano passado. Uma das professoras mais queridas da ilha, a delicada Sra. Ziemann, estava entre os pericidos no acidente da ponte.

Por milagre, profissionalismo ou pura hipocrisia, eu ainda conseguia publicar minhas palavras de “tudo vai dar certo” e alto-astral.

* * *

Lovland inteira sabia do meu “caso” com meu caso.

A maioria dos meus conhecidos foi solidária ao descobrir – via *fofoca's delivery* – que Gut havia me abandonado sem nenhum motivo sustentável.

Houve comoção e apoios sinceros, mesmo entre os que apenas toleravam minha escancarada homossexualidade.

Por puro egoísmo consciente, eu havia me fechado por completo.

Nas poucas horas em que eu permanecia envolto em sociedade, somente um sorriso tímido e automático era disparado contra qualquer ser que cruzasse meu caminho. Eu desfilava pelas ruas de pedra, sonolento, oculto pela máscara de uma patética vítima pra lá de sofredora.

McBee, o Egoísta, queria chamar a atenção do universo para o seu sofrimento.

“Bom dia” e “Boa tarde” eram os mantras proferidos.

E só.

Eu queria acreditar que era apenas respeitado por ser um bom contador de histórias positivas. Nada mais.

* * *

Os dias de junho de 2002 transcorriam sem novidades.

Vento Sul trouxe seu escravo sexual, Frio Cortante, na garupa.

As ondas quebravam com maior intensidade nas praias de areias cremosas.

O céu vivia quase sempre acinzentado e um sopro permanente empurrava para o alto o sabor salino do oceano, tentando temperar aquele inverno chatonildo acima da média.

As inspirações para os meus delírios literários vêm do mar. Mais precisamente da observação constante do movimento das águas e da concentração mediúnica nas vogais recitadas pelas ondas a beliscar meus pés descalços, enquanto caminho sem escolher aonde chegar.

Uma boa pernada sem destino e sem horas marcadas é um remédio eficaz para o afastamento da loucura e o embotamento da solidão. Retiro minhas energias do ar e do silêncio. Deixo a força do Grande Amigo Soprano expurgar todos os meus vestígios impuros. Quanto mais você caminha, mais você aprende. Eis meu segredo para uma correta meditação.

Aos poucos, eu recuperava o sentido primordial da existência. Que bom foi me revestir de coragem e ânimo a fim de reconquistar a doce rotina.

Caminhar, meditar, sonhar. Manter as esperanças de dias produtivos.

Reacender – com a ajuda de um conta-gotas – o desejo de reaprender a amar.

Preparado para dar meia volta e fugir do quase princípio de escuridão, meu corpo leve e meus longos cabelos soltos, ambos belos, malditos e serenos, pareciam flutuar sobre a areia bem molhada, sarabandeando naquele magnífico naco do Paraíso.

Solitário e sonhador ao sabor da brisa brincalhona, aumentando os passos até atingir uma carreira cadenciada, planejando sem muita convicção o que eu faria para

jantar, de repente, meus olhos discerniram uma figura humana adentrando nas laterais das águas traiçoeiras de uma maré em assustadora ascensão.

Ao me aproximar do ser hipnótico, distingui um homem branco de barba dourada, desgrenhada, trajando uma suja e surrada calça jeans que contrastava com o paletó azul profundo, de bom caimento, ligeiramente agarrado na altura dos quadris, a destacar a ossatura sólida daquele macho rijo e decidido.

Mesmo na pouca luz natural que se esvaía com rapidez, meu olhar atento percebeu a fina camisa social clara, possivelmente bege, que combinava com a gravata de seda em tons certamente azuis infantis, chapiscada de pontos luminosos, discretos.

Eu e essa maldita mania de prestar atenção aos detalhes mais insignificantes.

Com o olhar areado pela imensidão oceânica, ele não havia notado minha encorpada presença.

Vigilante, um tanto chocado com o quadro surrealista, notei a mão direita do homem segurando dois sacos de lona que estavam fortemente amarrados em seu pulso.

Suspeitei que houvesse algo maciço no interior daquela idiotice.

Desconcertado, mil sinos ressoaram ao redor da minha mente, indicando-me que algo muito, muito “asno” estava para acontecer.

O homem prosseguia seu ritual, entregando-se com vontade ao enlace das águas revoltas.

Perdendo o equilíbrio por diversas vezes, seu corpo era açoitado pelas labaredas espumosas, enquanto afundava de tempos em tempos, desaparecendo por segundos eternos submerso na salmoura gelada.

Uma sirene silenciosa, salpicada por agulhas enferrujadas, disparou no vão do meu bom senso. No piloto automático, corri na direção de um idiota que tentava inserir um “the end” na própria existência.

Entrei no mar que não estava morto, ignorando duas berrantes placas de advertência. Naquela praia específica, extensos buracos na areia, formados por redemoinhos contra correnteza, eram muito comuns.

Uma pessoa que não soubesse nadar, num simples descuido poderia afundar e não ter “pé” para retornar à superfície, entrando em ascendente desespero, engolindo sal e “o que foi que eu fiz?”, finalmente perdendo todas as forças, sucumbindo por causa do desrespeito às leis básicas da Natureza.

A escuridão atingira seu auge. Meu corpo salgado, congelante, irrequieto, trancafiava o restante das minhas energias. Foi com muita luta mancomunada com

coragem e sorte – e uma dose extra de panguice: eu não sabia nadar! – que consegui resgatar aquele corpo grosseiro e inerte da fúria da maré-cheia.

Já em areia firme, seca e cortante, arranquei a gravata de um pescoço arroxeadado e afrouxei as amarras de sisal que sustentavam os sacos pesados no pulso do irresponsável.

Xinguei até a décima geração do cretino ao descobrir que os remendados sacos de lona continham bolas de gude, o que havia dificultado sobremaneira o resgate.

Tentando recuperar parte do meu equilíbrio mental, retirei do bolso da minha bermuda pingante um pedaço de elástico carmim e preendi meus longos cabelos agora enegrecidos em ódio e ansiedade, formando um coque bizarro.

Enxuguei meu rosto frio com as costas das mãos úmidas, enrugadas, emputecidas.

Ainda desnortado, me preparava para aplicar os primeiros socorros no sujeito delirante quando – de um salto impossível! – suas grotescas mãos alucinadas e violentas agarraram meu pescoço, e uma voz gutural sobrepujava os sons vindos além-mar.

“Seu puta... filha do puto. Você não... o direito tinha... de me impedir de morrer... eu queria!”, o troglodita gritava, roufeno, num desconectado alemão alquebrado.

Amodorrado, usando puro instinto de sobrevivência, com um árduo movimento certo e indigesto empurrei o brutamente para longe e já me preparava para defender minha honra, quando o homem desabou em posição fetal e começou a chorar copiosamente.

Descontrolado, abatido, liquidado.

Os acontecimentos dos últimos sete minutos bagunçaram por completo minhas estruturas. Esgotado, entreguei os pontos e me aconcheguei ao lado do macho baqueado, tentando aquecê-lo com meu abraço amornado, aguardando o tempo necessário para que pudéssemos recuperar seis gotas de civilidade.

“Você está melhor? Quer conversar?”, eu sussurrei, tentando demonstrar a maior paciência e carinho possíveis, a fim de evitar uma segunda crise histérica do meu novo encosto.

Sem a lua cheia para abrilhantar nosso palco, dois corpos ocultos na calada da noite preta permaneceram em desmedido silêncio.

Ainda sem saber o que fazer, eu demorei um tempão para tomar a iniciativa de convidar, com ternura e tato, o sujeito a me acompanhar até minha casa.

Fracamente desorientado, o homem fez um meio “sim” com a cabeça, baixando a guarda ferina, para o meu doce alívio.

Na completa escuridão, onde nem mesmo as estrelas davam o ar de sua graça, eclipsadas por densas nuvens carregadas de opressão, eu procurava equilibrar aquele corpanzil amornado, seguindo em passos lentos por um atalho mais do que conhecido por mim-eu-mesmo.

Em silêncio aterrador, ambos absortos em confusão, rastejamos por quase trinta minutos até atingirmos o calor aconchegante da minha rua iluminada.

Ao abrir o portão de casa, a indecente claridade âmbar proveniente de um poste público desnudou-nos perante nossas verdades.

Confirmei naquele rosto encovado e barbudo o olhar que por meses e meses permaneceu encravado no meu subconsciente.

Balancei a cabeça em negativa. Engoli o choro estupefato e as primeiras pontadas de um palpável nervosismo.

Sim, era ele!

Podemos até esquecer currículos e identidades, mas jamais apagamos um olhar de nossas almas.

Aquele homem que perdera sua família num acidente recente e que fora exposto no limiar do seu sofrimento durante o horário nobre em cadeia nacional, agora estava amparado em meus braços.

Fraco, desfalecido, impotente, servil.

Elevei meu queixo para um céu imaginário e agradei a Deus por atender minhas preces.

“Definitivamente, sou seu anjo da guarda”, eu delirei, satisfeito e orgulhoso, esboçando um irrequieto sorriso interior.

Dopados pela experiência pavorosa que havíamos compartilhado a pouco, invadimos minha casa e desabamos no convidativo sofá revestido de couro vermelho, acuado na parede norte da minha sala sem cor. Dormimos e não sonhamos durante doze horas seguidas.

* * *

“Eu conheço você”, ele ronronou, encostado na parede que implorava nova textura, de costas para o sofá, o olhar vagando além da janela.

O candidato a suicida me encarava em visão periférica, enquanto eu tentava manter os olhos abertos, acostumando-os à claridade matutina, esticando meu corpo acima do limite, estrebuchando no lado esquerdo do macio couro cor de sangue.

“Você é o cara do jornal. Aquele que escreve bonito... Mc... McBee, é isso, não é?”, o brutamente continuou, esboçando com dificuldade um sorriso atemorizado,

ajeitando com as mãos pesadas o seu ultrapassado paletó de bom corte, engomado em sal e areia.

“Sim. Sven McBee. Este é o meu noommeee”, confirmei, bocejando um quilômetro, ao despertar de vez para um novo dia não mais solitário.

Desejando um banho carregado de espumas lavanda, questionei meu convidado:

“Você está acordado... faz tempo?”

Recebi como resposta um “o suficiente” seco e direto.

“Meu nome é Tetzner. Jörn Tetzner. Obrigado por me salvar.”

“Tetzner... Tetzner. Você não é o verdureiro que mora lá pelos lados da praia... humm... Gobsun, não é mesmo?”, indaguei ainda abobado, enquanto trocávamos um sólido aperto de mãos, fora de ordem e de consenso.

Ele voltou a recostar o corpanzil, agora no batente, nem um pouco incomodado com a aspereza de nossas mãos recobertas de uma disforme tira salitre.

Jörn cruzou os braços diante do peito, de um jeito rude, como que a se proteger de algo além do seu alcance.

“Sim, sou eu mesmo. Pelo visto você já conhece a fama do Senhor Alface aqui, não é verdade?”, fui brindado com um novo sorriso tímido, se esforçando ao máximo para ser um pouco mais radiante, apesar de irônico, e pude notar a fresta de uma carreira de dentes perolados que refletiam o inusitado sol magnífico daquela manhã embebida em sonhos e esperanças.

O verdureiro que morava no sul da ilha, diante de uma das praias mais bonitas da região, era muito popular devido à qualidade de seus famosos tomates, alfaces, pepinos, jabuticabas, mangas e companhia ilimitada.

Lembro-me que nas quintas-feiras, eu acho, uma verdadeira caravana de mulheres se dirigia a Gobsun, em busca de produtos frescos, isentos de agrotóxicos, a preços bem camaradas.

Sempre achei muito estranho a horta abrir somente um dia na semana para atender seus fregueses, mas naquele momento não tive vontade de levantar questionamentos.

“Acho que estive duas ou três vezes em sua propriedade, Jörn. Mas eu nunca havia topado contigo antes, que eu me lembre. Pelo que me recordo, parece que quem atende os fregueses é... sua esposa... hum... bem... desculpe, faz tanto tempo... o nome dela foge à minha memór...”

“Atendia”, ele vociferou, lacrimoso, cortando minha frase insensível.

“Como?”, redargui, enquanto a ficha demorava a cair.

“Linda. Era ela quem atendia os fregueses. Linda Tetzner. É o nome da minha esposa.”

Bééé!!! Sinal de alerta!

Como eu posso ser tão, tão, tão idiota?

Linda havia morrido no acidente, seu asno. Ela e as filhas, cretino sem coração.

Caralho, que mancada! Como eu pude esquecer?

Sou tão, tão, tão desatinado!

Duas semanas após a tragédia, lembro-me que escrevi um artigo emotivo exaltando as qualidades daqueles que haviam perdido suas existências, mesmo sem conhecer quase nada a respeito de cinco dos nove desencarnados.

Eu não tinha onde enfiar minha roxa cara burraldina após cometer tamanha gafe.

Jörn cobriu os olhos a fim de disfarçar lágrimas consternadas. Eu não sabia o que dizer, além do óbvio:

“Perdoe minha insensibilidade. Agi como um obtuso paquiderme”, respondi, tentando consertar um diálogo perdido.

Totalmente desperto após o desastre das minhas colocações, esqueci o banho, levantei do sofá e fui direto preparar algo para o nosso café da manhã.

Jörn se arrastou atrás de mim. Durante alguns instantes, ele permaneceu encostado num móvel baixo que separava a sala da copa, observando em silêncio as ondas calmas que purificavam as areias mornas, através da grande varanda que iluminava a parte mais bonita da residência: a cozinha.

Com tremenda dificuldade, abrindo atitudes, o verdureiro abandonou suas meditações e sentou-se à mesa, todo acabrunhado, para me fazer companhia.

“Obrigado por me salvar de mim mesmo. Ontem. Você sabe...”, ele repetiu o agradecimento, mesclando o alemão com o português, encarando o piso de madeira, acariciando a barba desgrenhada, incomodado com o caminhão de areia que sambava pelo seu corpo salmonado, vertendo pontos brilhantes a despencar no chão encerado.

“Fiz o que tinha que ser feito. Aliás, eu sei como você se sente. Acredite, eu já realizei uma pancada de troços beeemmm loucos para angariar a atenção do mundo”, eu cantarolei, um tanto afetado demais para o meu gosto, enquanto abria o armário em busca das canecas e dos apetrechos para o preparo de um bom café.

“Eu também já tentei me matar, Jörn, numa época em que me senti terrivelmente sozinho e derrotado, com raiva de Deus e seus anjos. E foram duas vezes. Pode acreditar!”, concluí o resumo da minha tragicomédia, pousando duas volumosas canecas de ágata sobre a mesa de madeira rústica e ferro batido.

Durante a fervura da água, não trocamos uma palavra sequer. Assim que o café encorpado foi derramado na segunda caneca, sorvemos nossa bebida revitalizante,

trocando olhares desconexos à procura de um ponto em comum para retomarmos o diálogo. Compartilhamos mais alguns introspectivos minutos de privação.

“E aí, Cenoura. Você é... Fruta?”, Jörn pigarreou, corando além do limite, perscrutando meu olhar através do vapor que saía da sua caneca cor de laranja e pintas brancas.

Surpreso com a pergunta carregada de uma ingenuidade gritante, quase engasgando com o café atrofiado em açúcar, respondi positivamente com um leve aceno de cabeça.

“Algum problema para você, Jörn, por eu ser... Fruta?”, respondi assim que o resto do ouro negro desceu, aos trancos, pela minha garganta pra lá de profunda.

“Não sei. Nunca estive ao lado de um Fruta. Eu só imaginei que você é um por causa desse seu cabelo liso e comprido demais, dessa sua pele sedosa e perfeita demais, dessa sua voz delicada e fininha demais e, claro, também por causa desse seu dedinho apontando para o Norte, enquanto toma o seu café açucarado demais”, ele respondeu, jogando no ar um sorriso aberto e abobalhado, tipicamente macholinosco.

“Bom, eu vou logo avisando: se você me salvou e me trouxe à sua casa com a intenção de eu te comer... bom, bom, bom... pode tirar todas as éguas da chuva”, proferiu o neandertalense, onde as palavras tóxicas foram asfixiadas entre várias mastigadas num pedaço de pão amanhecido.

Não me dei por vencido:

“Ah, sim, você tem toda razão, Sr. Tetzner. Puxa vida, você me pegou! Eu cultivo há séculos uma tara incontável: sair por aí toda noite para caçar paquidermes com síndrome de pânico, resgatá-los das garras de velhas e desdentadas Sereias Medievais e, obviamente, é lógico que eu preciso DAR uma bela trepadinha básica no transcorrer da madrugada. Sabe como é: forma de pagamento...”, eu esperneeiei, usando meu timbre Fanhoso Número Cinco (numa escala de sete).

“Mas, falando sério... se você acha que eu ia perder meu precioso tempo em retirar da água uma anta cabeçuda que se achava uma oferenda perfeita para a Rainha dos Mares... e ainda por cima transar com esse asno bipolar que almejava o lugar do Flipper... bom, meu futuro ex-amigo, eu realmente tenho mais o que fazer”, respondi, manipulando as emoções para parecer ofendido, levantando meu traseiro pimpante da cadeira de ferro; eu e meu cu gargalhando às escondidas.

Depositei nossas canecas tristonhas sobre a cuba de inox e me preparava para lavar bule, coador de pano, colheres e facas, dando as costas ao meu hóspede “afogante”, quando ouvi os conhecidos soluços de tristeza que culminavam numa cascata de lágrimas fora de controle.

“Hei, Jörn, o que foi? Eu estava brincando!”, virei de supetão, largando esponja e detergente sobre a pia.

“Desculpe-me pela minha rudeza. Estou descontrolado. Sinto-me sozinho. Porra. Tantos meses de solidão e isolamento. Nenhum bosta de parente para me consolar, só para me acusar de tudo. Nenhum amigo, sem minhas filhas, sem Linda. Desespero, fim de tudo, sacos de bolinhas de gude no meu pulso. Elas adoravam brincar com bolinhas de vidro colorido. Eu queria o fim. Estar com Linda novamente. No Céu. Nem sei se o Céu existe. Onde está Deus? Por que Ele poupou minha existência e não todas as vidas das minhas mulheres? Por que eu permaneci na Cidade Cinzenta naquela maldita madrugada, enchendo a cara na infernal bodega, enquanto minhas lindinhas deixavam a casa dos avós e voltavam para Lovland na vindoura manhã, a fim de preparar o maldito almoço de Natal? Por que eu dormi por tanto tempo naquele quarto de hotel? Foi a raiva que eu sentia pelo meu sogro, a me ridicularizar antes da ceia – mais uma vez! –, só porque eu não era um Doutor igual a ele? Bebida, bebida, bebida... Estou confuso. Eu sou confuso. Eu sei que Linda ficou ofendida por causa da minha ausência durante a porra da reunião familiar que deveria ser impecável. Sei que ela partiu... magoada comigo. Oh, Deus... por que tomei a decisão de sair sozinho, ainda mais para... beber? Eu tenho certeza disso. A mágoa. Por que, Fruta McBee, responda-me, já que você é o cara ou a bicha que escreve aqueles textos tão lindos. Por que elas foram arrancadas de mim?”

Eu, o tão famoso Senhor das Consolações, mais uma vez me vi impotente diante do sofrimento alheio.

Era fácil para mim-eu-mesmo salvar o mundo – escondido atrás da velha Olivetti de papai – através das minhas frases mágicas, cheias de lugar-comum.

Frases feitas e decoradas com incentivos absorvidos de para-choques de caminhões. Inspirações retiradas das infundáveis caminhadas solitárias, enquanto eu sorvia a maresia no decorrer das minhas meditações inquietantes; ou de Seleções antigas que meu pai costumava colecionar obsessivamente.

Naquele instante... eu travei a Madame Fracasso Total.

Teria eu a chance de realmente merecer o Amor? De cultivar amigos leais e sinceros? De colocar em prática tudo aquilo que eu escrevia tão bem nos domingos solitários e entregava às quartas-feiras para ser editado e publicado no nosso jornal local que se enfiava indubitavelmente por todos os cantos da ilha nos sábados, logo pela manhã?

Será que Gut havia me deixado por não suportar meu jeito tão fechado de ser?

Essa era uma dúvida que jamais seria esclarecida.

Ou, talvez, eu estivesse pisando sobre a resposta tão descarada.

Na varanda, entre samambaias escandalosas e hortênsias corajosas, encontramos disposição para conversar sobre nossas vidas, logo após o fracassado café da manhã.

Eu havia consolado o verdureiro, ajoelhado diante de suas lamentações, enquanto apreciávamos rododendros imponentes, carregados de magia lavanda.

Segurei suas mãos debilitadas e ele aceitou a sinceridade do meu carinho fraternal, mesmo que ainda muito estranho aos seus olhos ariscos e seu ser ignorante.

Para Jörn, eu era um alienígena tentando estabelecer contato.

Ignorando meu convite para um banho, deixei que ele me contasse a história de sua vida. Todos nós sentimos excessiva necessidade de entoar nossa melancólica Canção Psicológica.

Percebi que Jörn levava uma existência sem maiores tentações, onde tudo se encaixava exatamente como num roteiro típico de uma novela brasileira a sapecar o horário das seis.

Sua infância transcorreu sem transtornos, feliz e bem-educado por pais estruturados.

Após formar-se em Química, casou-se com a primeira e única namorada. Ele conhecera Linda na cantina da faculdade, em Pomeroh. Tiveram gêmeas no quinto ano do casamento. Foi uma gravidez difícil, de grande risco!

Mudaram para Lovland em busca de tranquilidade e segurança.

Jörn trabalhou por doze anos numa indústria têxtil. Cansou de cruzar a ponte e ser robotizado. Largou tudo.

Com as economias, resolveu investir parte do dinheiro numa poupança para as filhas e outra parte na “construção” de sua horta.

Desde então, seus rendimentos vinham das frutas e legumes ali cultivados com suas próprias mãos.

É (um) barato viver em Lovland!

Uma vida pacata, feliz, comum e corrente; igual às ilustrações meigas de famílias maravilhosas que apreciamos em antigos calendários dos anos 1950, ou aquelas imagens que somos obrigados a encarar quando livretos de propaganda religiosa de alguma seita “evangélica” fundamentalista são esfregados na nossa fuça, sem permissão, logo no primeiro minuto das sete da matina, num domingo preguiçoso.

Tudo é colorido e perfeito num pedaço hipócrita de papel antigo.

Em comum com minha história, Jörn também havia perdido os pais quando era adolescente. Eles foram ceifados, em companhia do cãozinho da família, por um

fogo cruzado entre policiais e bandidos durante uma viagem que deveria ter sido em férias naquela tal Cidade (que um dia foi) Maravilhosa.

Jörn superou sua primeira morte com a ajuda da avó materna.

Após murmurar seu relato sucinto, percebi que o cara de salmão não estava lá muito interessado nos meus percalços na vida.

Levei menos de dois minutos para resumir minha atual existência num único parágrafo verbal, o qual eu preciso apelidar de “O Grande Q”:

“Garoto pobre também criado pela avó, que estudou só até a sétima série, que sempre viveu de bicos honestos, que nunca aceitou permanecer ‘robotizado’ em nenhum emprego, que encontrou seu talento na literatura de apoio aos necessitados, que era razoavelmente bem pago por isso, que vivia na casa herdada pela avó, que tinha o péssimo carma (existe péssimo carma?) de atrair homens ligeiramente problemáticos e neuróticos a rodo, que não era feliz no sexo (apesar de me considerar um amante incomum e de ter satisfeito por completo todos os meus parceiros, nenhum jamais conseguiu me fazer pleno), que nunca tinha saído do eixo Lovland-Cidade Cinzenta e, finalmente, que nos últimos anos havia dedicado noventa e oito por cento da sua existência a um homem que fora abduzido por Mercurianos eunucos (era confortável aventar essa hipótese absurda, porém hilariante), apoiado suas artes rabisquentas e suas exposições esdrúxulas, satisfeito todas as fantasias bizarras do amante péssimo de cama (um gay consegue ser péssimo de cama?)... que atualmente assumira o lado ermitão-bobão, recluso entre uma dezena de paredes centenárias. Fim.”

Atontabobalhado, Jörn riu até perder o fôlego após ouvir, perplexo, meu monólogo repleto de trejeitos tipicamente frutíferos, muito bem entoados com a ajuda do Fanhoso Número Três.

Despedimos nossas angústias com um abraço desajeitado, distante, ressabiado, enquanto eu procurava seu astuto ouvido esquerdo, sussurrando com ternura ao seu espírito apalermado:

“Vá. Mas não se mate mais uma vez, Jörn ‘Anta Cabeçada’ Tetzner!”

* * *

Um novo setembro.

Um ano pós-tragédias mundiais e pessoais.

Recordações angustiantes, tristezas a navalhar as feridas reabertas na alma.

Sem notícias, sem cartas, sem telefonemas, sem sinal de fumaças jamaicanas, sem nada.

Eu havia desistido de procurar (ou esperar) Gut. Em definitivo.

Acredito que cada um de nós precisa, sem ajuda de ninguém, selecionar seu novo caminho. Não podemos estancar nossas mentes e corações no rabo do Passado, mesmo sabendo que ele adora ser empalado.

Na última quinta-feira do mês, eu voltava da minha rotina de pesquisas, desatento, caçando a-Ha no meu novo brinquedinho: um estranho walkman da Sony que eu havia ganhado de Wagner, quando praticamente atropeliei Clara, que cruzou comigo na terceira curva da Rua Braucks, carregada de sacos de papel pardo repletos de frutas e legumes cheirosos, de um colorido tentador.

Desajeitado como sou, implorei desculpas sinceras à minha vizinha, jogando parte do meu renovado corte de cabelo para trás, liberando a visão, ajudando-a no equilíbrio dos pacotes estufados.

Passamos a caminhar juntos. Fui obrigado a dizer adeus pro Morten Harket, meu sonho de todos os consumos.

“Hoje eu vou fazer uma torta de legumes recheada de segredinhos que vai enlouquecer meu marido!”, Clara trinou, esfuziante, enquanto eu me embaralhava todo ao enrolar o fio do fone de ouvido na sua barra de informações desnecessárias.

“Pelo jeito, a comida vai terminar na comida, não é, sua safadinha”, ri, enrubescendo, tentando lembrar a última vez em que fiz sexo com fragmentos de tesão.

“Vocês homens, gays ou não, só pensam nisso o tempo todo, não é mesmo?”, disse Clara, soltando seu gritinho estridente.

“Homens idealizam sexo infinito. Mulheres sonham com cartões de crédito ilimitados. Gays fazem sexo ilimitado e mantêm infinitos cartões de crédito... eternamente estourados!”, eu cantarolei essa bobagem, estalando os dedos, fazendo biquinho e caindo numa tremenda gargalhada que há muito tempo permanecera grudada na sola do pé esquerdo do meu espírito ausente.

“Você é um tosco, McBee. Mas eu te amo. Quer um tomate? Toma, pode comer, está limpíssimo!”, disse minha amiga, numa oitava longe do normal, depositando em minha mão suada um suculento vermelho luxurioso certamente carregado de sabores afrodisíacos.

Sem cerimônias, eu devorava aquela tentação, enquanto Clara me passava a receita da tal torta levanta-pau... que eu anotava na cachola, com facilidade.

Quando chegamos à esquina das nossas casas, nos despedimos sob a promessa da minha vizinha de que eu ganharia um generoso pedaço da iguaria “ele come, depois me come” no final da noite, logo após sua festinha privada, assim que o fofo “Gordo” dela pegasse no sono.

Por intuição, cutucado pelas farpas da Curiosidade, finalmente perguntei onde ela havia adquirido suas hortaliças, enquanto eu abria seu portão que, coitado, gritava angustiado por uma generosa dose de óleo nas juntas.

Minha lógica não aceitava o caminhar tão longe só para realizar aquela compra tão especial (Clara odiava qualquer coisa sobre rodas), mas meu coração confirmava por antecipação que a empreitada valia a pena em todos os sentidos, ao elogiar o sabor do tomate... e logo roubando outro!

Toda orgulhosa, Clara confirmou minhas suspeitas (eu já havia intuído a resposta).

Uma saudade adolescente pipocou na base superior da minha aura verde-musgo: o tom exato da Dona Carência.

Disfarcei o princípio de um choro fora de prumo.

Trocamos beijos e desejei um sincero “boa sorte” para a minha amiga e sua tão sonhada e planejada noite “nhéqui-nhéqui-fúqui-fúqui”, mas sem “chupi-chupi”.

* * *

Levei bom tempo para decidir se valia a pena visitar Jörn... ou não.

Por covardia, medo ou simplesmente por inércia depois de tudo o que eu havia sofrido nas mãos dos homens errados, nada me instigava a enfrentar um novo envolvimento – nem que fosse somente coroado de fraterna amizade – com outro macho.

Mas na manhã da segunda quinta-feira de outubro, inspirei fundo, apanhei a bicicleta e levei minha confiança para um agradável passeio até a praia chamada Gobsun. Após vinte e tantos minutos de pedaladas hercúleas contra o vento, sem parar nem por um minuto sequer, finalmente cheguei ao meu destino.

Foi um choque encontrar um aglomerado de senhoras e mocinhas nervosas e barulhentas diante do cercado que delimitava os sagrados domínios do verdureiro.

Elas gritavam, chamavam, esperneavam e nada do homem dar as caras numa das janelas da simpática casa de madeira pintada de branco e rosa e verde-água, que lembrava, e muito, uma casa de bonecas das quase esquecidas histórias em quadrinhos.

Tentando ser discreto, rodei por alguns metros adiante, na esperança de que as clientes frustradas retornassem para suas casas.

Não demorou muito a minha ansiosa espera.

Quando todas partiram, deixando-me sozinho, rondei a propriedade de Jörn, apreciando a variedade absurda de sua colossal horta muito bem cuidada.

Os maravilhosos canteiros de terra vermelha fervilhavam de vida, cores e texturas de árvores frutíferas, legumes vibrantes e verduras tenras, tudo devidamente setorizado, organizado à perfeição.

Difícil imaginar que o homem solitário e abalado encontrara forças para manter aquele lugar num patamar quase divino, garantindo assim seu sustento e sua sanidade.

Para um inveterado apreciador das folhas como eu, aquela era a fantástica visão do verdadeiro Éden fincado na face oculta da Terra.

Em uma imprecisa palavra: encantador.

A tranca destrocada do portão principal estava envolta numa grossa corrente, onde um cadeado enferrujado selava a passagem.

Ao chegar próximo da casa, pesquisei com olhar apurado alguma movimentação mínima. Portas fechadas. Janelas tapadas por cortinas puídas.

A morte continuava rondando boa parte da propriedade.

Um estrondo. Coisas metálicas estatelando pelo chão.

Meu coração arrebatava meu peito, relinchando descompassado, feito um louco a dois passos de se atirar do vigésimo nono andar.

Instinto de sobrevivência. Algo de errado golpeava as tetas do Vento Sul.

“Meu Senhor, por onde entrar?”, balbuciei envergonhado, pois só lembramos que há um Deus misericordioso quando estamos em apuros.

Atirei a bicicleta numa pequena duna. Corri todo atrapalhado para o lado oeste da casa. Mais sons metálicos. Algo foi arrastado.

Dor, desespero, sinais confusos.

Pense, pense, pense McBee!

Trepar ou pular? Nem pensar!

Encontrei um destoante pedaço de cerca desfigurada. Meu passaporte para adentrar um mundo psicodélico.

Minha salvação?

Com dois ou quatro chutes, arrebentei as tiras de madeira podre, abrindo um vão no cercado.

Na pressa, cortei meu braço nas lascas adjacentes. Ignorei a dor.

Eu precisava salvá-lo de si mesmo.

Além do braço esquerdo talhado, aonde um fio de sangue chegou a emporcalhar minha camiseta branca, notei meu pé direito inchado, pois ao chutar as madeiras não havia me tocado de que eu calçava estropiados chinelos de borracha carcomida.

Correndo pelo quintal coberto por um gramado maleável feito um Bambi manco, eu, ababosado, comecei a rir embebido em ingênuo nervosismo, tentando disfarçar o transe das minhas loucuras.

Por sorte, a porta da cozinha se encontrava semiaberta.

Por azar, a visão do verdadeiro Purgatório materializou-se na minha frente: Jörn estatelado no chão, onde seu corpo navegava sobre uma nauseante poça de sangue.

Saldo da estrepada de uma anta cabeçuda: um considerável galo na cabeça, um talho superficial no pulso direito – que, por milagre, não atingiu nenhuma veia –, um rasgo feio na coxa esquerda e, claro, mais um belisco ridículo que arranhara o queixo quadrado: sinal de uma barba malfeita.

Ufa!

Ao me deparar com um asno acéfalo todo ensanguentado, estrebuchado no chão sujo de uma cozinha imunda, nem sei de onde resgatei Força e Coragem e Estômago para remover aquele corpo medonho daquele local a implorar piedade... e arrastá-lo para o banheiro minúsculo de uma casa cuja planta fora certamente executada por um Ciclope estrábico cheirando Tang!

O que me resguardou da histeria e do despreparo junto à cena dantesca foi que Jörn, quando me viu, logo abriu um sorriso abestalhado, inundou meu rosto com um bafo putrefato, devidamente calibrado com a acidez da bebida mais vagabunda que um sujeito pode sorver; buscou meu abraço bitolado e urrou, num alemão quase incompreensível:

“Ô Cenourinha. Meu frutinha anjo... você salvá veio... eu de novo? Glória ao Deus nosso!”

Céu

Por causa daquele dia, tomei uma decisão radical: praticamente me mudei para a casa de Jörn.

Paciente, após cuidar de suas feridas e aguardar que ele voltasse à condição de ser... gente, nós discutimos suas aflições, de uma vez por todas!

Era imprescindível buscarmos a ajuda de um médico, um curandeiro (havia muitos na ilha), um padre, um psicólogo ou mesmo a soma dessas possibilidades.

Jörn, quando não bebia, era um homem pacato, de poucas palavras, realmente introspectivo. Cuidava de sua horta como quem amamenta fofuras indefesas.

Era tocante vê-lo preparar a terra, escolher sementes, montar os canteiros, plantar as mudas e colher o beatificado suor do seu trabalho digno.

Eu, claro, permiti a entrada dos espíritos da Dirce Arrumadeira e da Kira Patinadora no meu corpo, pois durante dias e noites sem cessar, bailando aqui e ali ao som do Erasure, transformei boa parte daquele antro de tristeza num verdadeiro lar abastado de luz...

... nééééooon, é claro!

* * *

Sem nada programar, criamos uma rotina de casal-margarina-feliz.

Apenas aos domingos ficávamos separados, contra a vontade de ambos.

Eu chegava às segundas-feiras por volta das oito da manhã, sempre acompanhado por sacolas de mantimentos a entupir a nova e indiscreta cesta que Jörn atarraxou na frente da Regina, minha “magrela”.

Era minha a responsabilidade de providenciar produtos de limpeza, quilos de café, fardos de panos de chão e uma seleção congelada de animais esquartejados em forma de bifes e peitos e coxas e sobrecoxas.

Fiquei encarregado pela cozinha, mas não me atrevia a fritar ou cozinhar qualquer coisa que pingasse sangue. Nessas horas, Jörn assumia a frigideira e ria e cantava sem parar, provocando-me na hora das refeições, passando seus pratos mortos diante do meu olfato afrescalhado.

Enquanto no resto do tempo eu me dedicava aos trabalhos domésticos, Jörn passava o dia todo em sua horta do país das maravilhas. Com renovada dedicação, ele voltou a atender suas freguesas às quintas-feiras, reassumindo a alegria de bem servir. E sob meus cuidados, o verdureiro aprendeu a cuidar de si mesmo um pouquinho... mais.

Quando inventávamos de sair para relaxar após o término dos nossos compromissos de trabalho, ele passou a exigir minha aprovação sobre esse ou aquele figurino, antes de colocarmos os pés e as fuças orgulhosas para fora do portão (que foi arrumado).

A cena, pra variar, era hilária: Eu, “montado” após cinco minutos, simulando falta de paciência, sentado num desconfortável banco de madeira que ficava apagado no meio de um corredor a interligar banheiro e quartos.

Ele, banho tomado (Primeiro round: gastando uma barra de sabonete. Segundo round: besuntando o corpo inteiro com dois litros de desodorante de supermercado), após trocentos minutos de prévia escolha (sem a minha nada discreta presença, que era proibida de permanecer nos seus aposentos reais), destrancava a porta, pulando na minha frente, ansioso para ganhar o meu “Uia!” logo na primeira tentativa.

É evidente que no começo dessa brincadeira inocente, levávamos uma eternidade entre experimentações, até que eu decidisse curtir sua indumentária ideal.

Eu o proibi de usar barba cheia, afirmando que ele ficava “horrorozível” com aquela desdentada piaçaba desgrenhada na fuça germânica.

* * *

Numa determinada quarta-feira, Jörn apareceu na redação do jornal com a intenção de me pregar uma boa peça. Eis o que aconteceu:

Quando deixei a sala de Wagner, assim que dei por encerrada a rotineira reunião semanal com meu editor, a Sra. Köhler depositou um bilhete em minhas mãos suadas, sem conseguir disfarçar sua curiosidade sobre minha possível reação.

Desconfiado, mas despreocupado, abri a folhinha e um “caixa de papelão, segunda mesa, à sua direita” em letras cursivas iluminou minhas retinas curiosas.

Redirecionando a atenção até o ponto exato descrito no mapa, descobri que no interior de uma caixa espingolada havia uma caprichada cesta entupida de chocolates dando ar de suas graças.

Desatando fitas azuis e aplainando o celofane dourado, no meio de um sem número de trufas e barras e balas deliciosas de todos os tipos possíveis de cacau engordativo, encontrei um finíssimo tecido de seda acaju embalando algo muito, muito, muito macio e delicado.

Engolindo lágrimas de um espanto que podia ser cortado em generosas fatias, quase perdi o chão ao me deparar com uma anta de pelúcia usando um terno azul-horrendo, idêntico ao que certo indivíduo trajava no Dia da Salvação.

“A roupinha foi ideia minha, McBee! Corte e costuras”, cantarolou a secretária, amparando minha alegria, divertindo-se com aquela linda traquinagem, sem suspeitar do drama que eu e o verdureiro havíamos compartilhado.

“E o boneco... bom, bom, bom. Vai dizer que não é cópia escrita e escarrada do seu Cabeçudão aqui! Não é mesmo, Sra. Köhler?”, cantarolou Jörn, cabeça baixa e anil de tão tímido, ao sair de uma estreita saleta que era usada para descanso dos repórteres.

Sem me recuperar do choque de um ato que eu jamais conseguiria supor que Jörn fosse capaz de realizar, quase passei de uma vez para outro Plano ao fixar meu olhar naquele homem: cabelos cortados à escovinha, barba rente ao rosto, num corte número um, de linhas ousadas; camiseta branca abraçada por outra, quadriculada, em excitantes e viris tons de azul, preto e chumbo; jeans novo, aparentemente talhado por uma divindade parisiense sobre um par de coxas suculentas; botas negras que pareciam militares que pareciam sociais que pareciam rústicas, a implorar eternas lambidas submissas.

“Quando vocês...? Como é que vocês...? Oh, Céus... eu não quero saber. Vocês dois conseguiram me surpreender além do impossível!”, eu desabei, atarantado, sendo prontamente abraçado com carinho por dois seres muito especiais para mim-eu-mesmo.

Bem cuidado e protegido.

E foi assim que eu ganhei do Senhor Tetzner o título de “Amigão”.

* * *

Havia regras estapafúrdias criadas por Jörn.

A de número um: eu não podia vê-lo envolto em toalha de banho ou usando apenas “roupa de baixo”.

Dois: jamais ousar entrar em seu quarto durante a noite (eu dormia na sala, pois o quarto das crianças deveria permanecer intocável).

E, finalmente, a de número três: nunca, sob nenhuma hipótese, cantar, dançar e encarnar Tina Turner na cozinha, enquanto ele estivesse assistindo ao noticiário noturno.

O que salvou nossa sanidade foram os proveitosos diálogos que mantínhamos rigorosamente todas as noites, enquanto caminhávamos pelas areias afofadas – parecendo enamorados –, afastando-nos um pouco da casa, logo após o nosso jantar.

Liberto, durante nossos passeios o verdureiro aprendeu a compartilhar sólidas conversas sobre os momentos difíceis, quando as lembranças se tornavam pesadas, sufocantes, insuportáveis.

No final da boa esticada, em silêncio respeitoso, deixávamos a espuma brincar ao redor dos nossos pés descalços, pranchetas, enrugados. Terminávamos a primeira parte da nossa liturgia estrebuchados em cadeiras dobráveis, observando a miríade de estrelas avariadas que abrilhantavam o veludo negro de Soraia, a Soberana das noites luxuriosas.

“Sabe, Fruta McBee”, Jörn se abriu certa vez, “Fui educado para odiar os gays. Aquela coisa de que todo homem que se deita com outro homem é uma aberração, algo contrário às Leis Divinas. Enfim, essas bobagens que afirmam que Deus disse, mas que hoje compreendo que são palavras convenientes registradas por um bando de loucos servientes a um dogma ridículo, em pedaços de papiros deturpados ao longo dos séculos.

“Por toda minha vida, fui orientado a fugir de tudo o que fosse diferente ou incompreensível. E conviver com um gay, até pouco tempo atrás, era algo que eu não podia ignorantemente suportar.

“Quando Linda e minhas filhas partiram, padeci por causa da pressão que os parentes dela exerceram sobre mim. Talvez por ser sozinho, sempre fui o elo mais fraco. A mãe dela até hoje insiste em afirmar que elas morreram por minha culpa. Sei que você conhece a história de cor e salteado, mas eu tenho que repetir tudo pra mim-eu-mesmo. Mais uma vez.

“Na véspera daquele Natal – meu Deus... parece que foi ontem! – eu estava entediado com a rotina das comemorações familiares na casa do meu sogro esnobe. Exigindo a atenção da minha mulher, arrancando-a da cozinha, eu disse a ela que precisava sair um pouco, passear pela cidade grande, sufocar-me nos carbônicos, enquanto arejava a alma... mas que voltaria antes da ceia. Linda odiou minha atitude, mas respeitou minha decisão.

“Acredite, meu chapa. Havia séculos que eu não punha uma gota sequer de álcool na boca. Restrições de uma avó cruz-de-ferro e uma esposa correta demais. Mas, porra, aos quarenta e três, eu tinha o direito de curtir um pouco a vida. De ousar ao menos mais uma vez!

“Entre na terceira bodega. Pedi o primeiro copo de um vinho vagabundo. Você acredita que eu nunca, nunca, nunca havia experimentado vinho? Pode uma coisa dessas? Dá para acreditar nessa... que é sim uma verdadeira aberração?

“Tomei um copo, apenas um copo de tinto melecado. Não gostei. Pedi cerveja. Uma, duas, dez. Adorei. Revivi a juventude sem compromissos e amarras. Aquela

coisa de macho iludido. Bebi, bebi, bebi. Perdi as contas da razão e do rosário. Ganhei amigos etílicos. Uma generosa porção deles, que surgiu aos borbotões. Eu nunca tive amigos. Nem na infância, nem na faculdade, nem em momento algum.

“Era um presente de Kriss Kringle: a necessária cerveja e os velhos amigos. Sentia-me como figurante naquelas propagandas que a gente vê na televisão. Mulheres gostosas, caras sorridentes de bem com a vida, sol, mar e a mar...vada!

“A gente nunca dá bola pro ‘beba com moderação’, não é mesmo? E eu ali, com meus amigos recém-conquistados; suas fuças cheias de dentes impecáveis, poses de ‘a vida é bela’. Só não tinha mulher muito gostosa...

“Quando dei por mim, raspando o tacho e já contando moedas, rodopiando a esmo pelas ruas do Centro, parei diante do primeiro luminoso pulguento que indicava um quarto vago. Esqueci-me de tudo, entreguei o último bronze a um senhor mal-encarado. Ainda me lembro de ter dito que não queria ser incomodado (por que isso ficou na minha mente?) até o raiar do dia. Subi, entrei, joguei o que restava de mim-eu-mesmo sobre uma cama que fedia a sexo vencido. Apaguei.

“O resto – oh, meu Senhor! – só fui acordar centenas de horas depois do compromisso da última ceia... em que eu não estava presente junto à minha amada família. Dominado por uma excruciante dor de cabeça, confuso e duzentos por cento desorientado, tentei reassumir as rédeas da minha realidade. Saí do cortiço. E no caminhar moribundo, estancado diante do absurdo, a notícia chafurdou na minha cara apagada, escarrada por uma tela estúpida piscando em estáticas na vitrine de uma grande loja de inconveniências. Eu ali, desfalecido diante do abominável. Nove mortos. Ponte em Lovland. Manhã de Natal. Nove mortos. Nomes. Lista de sobrenomes. Correria. Casa da Sogra. Desespero.

“Lembro-me do soco que ganhei do meu cunhado endemoniado pela mais justa causa. Fiquei sozinho, isolado, remoinhando na varanda. Desculpe-me, Fruta McBee, pois bloqueei algumas passagens da história. Mais correria. Fugi da casa da minha sogra. Roubei dinheiro do meu sogro. Eles não queriam aceitar. Não se moviam. Não fizeram nada. Só importava orações e lamúrias pela sala. Ninguém assumia atitudes práticas. Ninguém parava de se queixar a Deus. Todos esfregavam suas indignações no vidro da TV. Um táxi. Passando a ponte. Destroços ainda visíveis. O monstro metálico abatido. Luzes e homens... todos pitanga! Meu coração apertado. Rodoviária da ilha. Final de todas as tardes. Cartolina pregada na parede. Linda Tetzner, Monika Tetzner, Claudia Tetzner. Todas mortas!

“O pior foi na hora do velório. Você se lembra? Duas Lovlands estavam presentes. Eu nem imaginava que eram tantos loveanos assim. Flores, cantos, orações, velas, lágrimas e despedidas. Os repórteres do Continente abordando-nos

sem piedade. Depois do espetáculo, desolado, corroendo o chão da rodoviária com minhas unhas carcomidas. Diante do cartaz. Longe dos parentes e ‘amigos’ que me enxotaram, assumindo todos os afazeres. Noite me assustando. À procura de uma condução. Na mente, só o recordar da dor. Achincalhado pelos meus sogros, prometido de morte pelo meu cunhado. Escondido. Diante do cartaz rasgado. Impotente na presença daquele ‘profissional’ da mídia. Eu queria apagar a luz. Todas as luzes. Balbuciei minha ruína. Voltei sorrateiro para casa, humilhado, perdido. Passei a madrugada inteira remexendo na terra, cultivando minhas sementes, colhendo minhas cenouras e meus tomates passados do ponto. Sozinho. No escuro.”

* * *

E novembro deu as caras.

Eu continuava passando a maior parte do tempo no santuário de Jörn, sendo que os únicos dias em que eu permanecia em meu lar eram domingos inteiros e meias quartas-feiras.

O motivo? Eu só conseguia escrever meus artigos quando sentado no meu sofá espaçoso, diante da minha arcaica máquina de escrever, apoiada sobre a minha mesa de centro no canto da sala.

Wagner não se conformava por eu não aceitar um computador na minha vida. Nem eu compreendia os motivos de tanta recusa de minha parte.

Coisas de um gay excêntrico... que prefere a comodidade de clamar atenção.

No dia de Finados, permaneci todo tempo ao lado de Jörn.

De comum acordo, não fomos até o cemitério da ilha. Não estávamos dispostos a encarar murmúrios embrutecidos e olhares maliciosos.

Duas fofoqueiras plantonistas já haviam espalhado pela ilha que “o verdureiro arrumou uma empregada-bicha e que tava comendo ela”, entre outras pérolas do gênero supremo da ignorância.

Há sempre uma maçã podre na caixa de laranjas.

Graças aos céus que Jörn não ligava para fofocas.

A nossa relação fraternal era tão pura, tão honesta, tão sólida, que dificilmente algo seria capaz de penetrar o escudo da nossa rochosa amizade.

Algumas freguesas mais assanhadas tentavam a sorte, abordando Jörn descaradamente. E era divertido peitá-las, indicando que a “Mona aqui dominava totalmente o pedaço”.

Jörn até achava graça nos meus trejeitos de defesa de território. Sentia-se protegido debaixo das asas purpurínicas do seu segundo anjo (sempre) em guarda.

Eu não deixava ninguém consumir o nosso precioso tempo com falatórios bestas ou cantadas inúteis.

Daí a fama na redondeza de que “o verdureiro arrumou uma empregada bichola e estava fornicando com ela”.

O primeiro Dia das Separações Dolorosas ocorreu na metade do penúltimo mês.

Chovia muito no lado sul da ilha e naquela terça-feira comecei a ajudar Jörn a se desfazer de parte do seu passado, convencendo-o a doar algumas coisas que já não denotavam nenhuma serventia na sua existência.

Havíamos conversado na noite anterior, no negrume da nossa praia deserta, dessa vez sem a companhia das Estrelas, do Tempo e do Destino.

Num profundo monólogo edificante, expus a Jörn os benefícios da doação espontânea.

Afirmei que quando nos deparamos com sorrisos sinceros e corações agradecidos daqueles que são brindados com nossos excessos materiais, somos agraciados com um momento mágico que atordoa os enigmas de uma vida.

Não valia a pena acumular coisas que prejudicavam nossa evolução terrena. Tudo é finito. Tudo tem e mantém energias, positivas ou não.

Qual o motivo em abarrotar nosso guarda-roupa com peças que jamais voltaríamos a usar? Qual a lógica em guardar dezenas de pares de calçados, somente para criar volume ao lado da porta do quarto do casal?

E os brinquedos? Seria justo ocultar peças que deveriam proporcionar momentos de aprendizado, diversão e infindáveis alegrias para outros pequenos, deixando-as mofando e angariando pó dentro de um apanhado de caixas esquecidas na garagem?

Repeti diversas vezes que a bondade de um gesto fraternal deve ser paga com um sorriso sincero e dois corações abertos. Todos os lados saem vencedores.

Três dias empacotando coisas.

Uma dura prova de resistência para Jörn.

Praticamente tudo o que fora de suas mulheres seria doado. Sorte que um lado do velho alemão estava exultante com a missão de fazer outras pessoas felizes.

Porém, uma parte de Jörn permanecia em frangalhos.

Novembro despedaçado.

Uma blusa lilás da esposa reanimava a dor de todas as saudades.

Jörn me confessou que aquele foi o segundo presente que Linda ganhou logo no terceiro encontro deles.

Questionei qual fora o primeiro. O verdureiro riu, engolindo o choro, confessando a seguir, triunfante:

“O primeiro presente que ela ganhou foi... um beijo roubado!”

Teepie e Tomie, os bichinhos de pelúcia preferidos das gêmeas, fizeram aquele homem estancar a alegria do desapego e buscar forças num demorado abraço maquibeeano, a fim de reequilibrarmos todas as energias.

A Fruta e a Anta velcradas no Vazio.

Éramos um depósito de emoções naftalínicas, dilaceradas.

A casa do verdureiro voltou a ficar bem aquecida pelo sol e por nossas alegrias.

Aos poucos, aquele ponto verdejante de Gobsun começava a recender vidas renovadas.

Quando bateu a última semana de novembro, Parrudo e Magrelo distribuía o passado para alimentar o futuro de diversas famílias loveanas. Ali mesmo, em Gobsun, uma senhora paupérrima e sua filhinha adorável ganharam uma sacola repleta de roupas das quatro estações. Foi uma inesquecível vitória.

Sorridentes, esperançosos, interpretando a indefectível “Eu vou sobreviver” da querida Glorinha Gay, arranhávamos nossos parcos conhecimentos do inglês, rindo até perder o equilíbrio sobre nossas Monarks transformadas em trenós tropicais.

É impossível descrever um homenzarrão cor-de-camarão e uma gueixa anoréxica montados em suas bicicletas cheias de tralhas, cantando a plenos pulmões, a serpentear nas areias de Lovland, com direito a coreografias “batecabelos” e tudo mais... seguindo à risca a tradição bambeenêsca.

Assumindo sua novata porção “bambeelôca” esforçada, confirmávamos que Jörn não levava o menor jeito. Desabávamos de rir das nossas palhaçadas juvenis, enquanto mudávamos todas as trilhas, Jörn e eu agora encarnados num Elton John e Kiki Dee impagáveis. Cantando em alemão!

Mais adiante, deixamos brinquedos e o resto das roupas na única instituição de caridade da ilha, onde duas polpudas senhoras, detentoras de sorrisos afáveis, receberam com extrema alegria a nossa farta oferenda de tecidos, couro, plásticos, borrachas e sedas coloridas. Ganhamos pacotes de bolachas caseiras e dois potes de mel silvestre pela nossa boa ação.

Passamos na minha casa, no final da tarde.

Enquanto eu abria todas as janelas para aproveitar os últimos raios do Rei, Jörn ia ao banheiro desaguar suas necessidades. Já na cozinha, eu separava os apetrechos para o ritual do café, ligando em seguida o fogo para esquentar a água do nosso

instante de alívios, enquanto lia um bilhete deixado por Clara, que assumira seu lado “caseiro” da minha propriedade.

Belisquei o pedaço de uma antiquíssima barra de chocolate que jazia na minha geladeira deserta.

O gosto era horrível.

Lavando as mãos para eliminar os vestígios da minha leve diabrura, reparei que a casa estava imersa em um silêncio perturbador.

As canecas fumegantes pairavam sobre a mesa. Encostado no gabinete da pia, à espera do meu “amigão”, avolumava-se uma impaciência aterradora no meu plexo solar.

Abandonei a cozinha com o coração aos trancos. Fiquei mais apreensivo ainda ao ver a porta do banheiro escancarada e nada de Ameba Burraldina mijando em seu interior.

A sala estava vazia, embebida em rara luz e pesadas sombras.

Numa guinada de cento e oitenta graus, encontrei Jörn no meu quarto, sentado, chorando baixinho, sobre minha cama.

Entrei, pé ante pé, trêmulo, em silêncio.

“As camas são iguais. E não estou afirmando isso no que se refere só ao móvel em si”, disse Jörn, acariciando meu edredom.

Eu nunca havia imaginado que nossos leitos eram realmente idênticos.

“Almas gêmeas vindas do mesmo tronco”, murmurou o verdureiro.

Como esmurrado pelo Óbvio, aquele Moleque de Tetas, eu não me conformava por não ter me atinado aos detalhes.

Era inacreditável que aquela visão chapada havia sido oculta da minha percepção.

A maneira como elas estavam arrumadas: um lençol branco, um edredom multicolorido (o meu em tons pastéis e o da casa de Jörn, em tons vibrantes, porém riscados com a mesmíssima estampa mondriana) e dois travesseiros altos, afofados, enormes, embalados em fronhas lilases repletas de dourados babados inúteis.

O lado esquerdo, todo bagunçado, era o que eu às vezes dormia (descobri que Jörn também dormia do lado esquerdo) e o lado direito, onde repousava o segundo travesseiro, permanecia impecável, à espera do amor que havia ido “até ali” e jamais voltado.

Uma mania, um tique, um detalhe que para muitos passaria despercebido.

Nossos calabouços, durante nossos momentos de solidão, permaneciam desalinhados, desleixados, disformes no canto triste que um dia abrigou alegres e safados espíritos amantes.

Já o lado oposto do altar, onde – oh, meu Deus! – repousava o segundo travesseiro, mantínhamos tudo intacto, alinhado, impecável, perfumado com as nuances do aroma indivisível dos nossos amores recolhidos a um passado sem volta.

Nesses meses todos a tomar conta de Jörn em sua casa, eu jamais permanecera em seu quarto, já que ele havia terminantemente me proibido de fazê-lo.

Foi a única situação em que me senti ofendido.

Recordo aquela primeira tarde: eu, empilhando esfregões e baldes e cheiros renovados, ia começar a limpar os tapetes, quando um monstro vociferou no meu cangote, exigindo a minha retirada imediata da entrada dos seus aposentos reais.

Oh, Céus. Portas abertas! Como eu não me atentei ao Grande Detalhe?

E todas as manhãs, ao acordar, Jörn fazia questão de “arrumar a cama do seu jeito”, onde ele mesmo limpava o cômodo sagrado de tempos em tempos.

Desde então, a porta sempre permaneceu fechada, jamais trancada.

Oh, Céus! A minha atitude fora idêntica!

Quando Clara passou a cuidar da minha casa, dei-lhe ordens explícitas para que ela não entrasse no meu quarto, sob nenhuma hipótese!

Assim que Gut me abandonou, passei a praticar o mesmo ritual: limpava o quarto duas vezes por semana, mas raramente arrumava com aprumo o meu lado na cama.

“Desde que Linda se foi”, suspirou Jörn, em prantos. “Eu comecei a dormir no chão, bem ao lado do lado dela, imploran...”

“...do perdão pelos meus atos falhos; buscando a compreensão das minhas faltas, tentando encontrar uma saída!”, dissemos o restante da frase em uma só voz.

Olhares mareados confirmavam o mesmo destino.

Nesse tempo todo, havíamos agido da mesmíssima maneira, talvez até mesmo em tenebrosa sincronia, numa dimensão ainda não catalogada, num tempo incompreensível, sobrenatural.

Quando a noite se mostrava longa e depressiva demais, eu também dormia ao lado da cama, e de vez em quando ousava tocar no espaço onde outrora repousava o meu amado, levando em seguida a ponta dos dedos junto as minhas narinas aquosas, buscando com sofreguidão o cheiro almiscarado na química latente das marcas daquele corpo que um dia eu tanto amei.

Eu e Jörn perdemos nossos amores, nossas bases de sustentação, nossa garantia de um futuro livre das amarras da Senhora Solidão, a Maldita.

E ali, diante de uma coincidência (coincidência?), mais uma vez nossas feridas desabrochavam suas vísceras pútridas, causando-nos impiedosa desolação.

Abracei Jörn com delicadeza. Mais do que nunca, naquele instante precisávamos de apoio mútuo e, dessa vez, acho que era eu a necessitar de um pouco mais de carinho.

A ficha caiu... tarde demais!

Jörn puxou-me para si, fazendo com que meu corpo leve tombasse no princípio das suas coxas metálicas.

Suas mãos pesadas bailavam ora sobre meus cabelos desfiados, ora em meus lábios secos, onde dedos bobiços, rijos, claudicantes, transformavam um ato mecânico em carinho autêntico.

“Fruta McBee. Quando ousei pela penúltima vez, perdi minha família. Amaldiçoei a bebida. Blasfemei contra o Sagrado. Agora...”, continuou Jörn, com as palavras quebradas pela convulsão do pranto, “... preciso ousar pela última vez. Eu exijo – e acho que tenho o direito de tentar! – sentir o amor na sua magnitude. Eu quero viver essa magia com voc...”, ele não completou o delírio, pois o Fruta Madura aqui sufocou Amigão com um beijo nectáreo.

* * *

Se fôssemos ambos do “babado”, no lado físico da coisa, numa situação normal e corriqueira Jörn e eu jamais teríamos compartilhado uma “cama”. Aquele corpo tipicamente germânico: transparente, volumoso, onde uma espessa camada de pelos dourados cobriam somente pernas e braços rústicos, poderia até ser o sonho de muitos por aí, com toda certeza.

Jörn não era gordo, longe disso. Tinha um trabalhado corpo proporcional à bela altura. Porém, pra mim, seu rosto rústico e bonachão não desfilava demais atrativos. Era quadrado (o rosto e a personalidade), onde uma boca fina desprovida de lábios salientes e um nariz adunco contrastavam com a imensidão do seu olhar azul, profundo.

Eu confesso: o segredo da cativante beleza ingênua de Jörn morava em seu olhar.

Eu, por outro lado, também não era nenhuma beldade, mas tinha cá meus destaques.

Músculos desembarrigados desprovidos de excessos; pele sedosa, quase feminina, levemente bronzeada. Um rosto ovalado, meio achatado, que suportava um lindo narizinho arrebitado; uma boca de lábios andróginos, naturalmente guarneceados por um tom vermelho-estou-aqui-e-arrasei; um par de olhos cobalto com uma surreal propensão ao verde-intenso em dias muito luminosos. E, finalmente, o grande orgulho: meus cabelos alaranjados embebidos em fogo dantesco. Desfiados, lisos e compridos, beirando pouco abaixo da linha dos ombros.

Está certo, está certo. Não vou permitir que a vaca da Modéstia interfira num outro trunfo: minha bunda. Redonda, carnuda, quase translúcida apesar dos minúsculos fios ruivos a adornar periferias, emanando sua formosura em maciez divina a recobrir um buraquinho rosado capaz de cegar o bom senso de qualquer sexo rijo mais afoito.

Minha preferência por corpos masculinos tinha a ver com a minha igualdade. Eu gostava de homens magros, altos, poucos pelos (inclusive nas partes íntimas) e na mesma faixa etária.

Gut cumpria os requisitos essenciais... só no âmbito corporal... infelizmente. E dezenas que vieram antes dele, também.

* * *

Após o primeiro beijo: maturado, selvagem, impreciso, Jörn passou a decifrar meu corpo com suas mãos agora bem mais calmas.

“Fruta McBee, eu preciso fazer amor com você. Eu quero que você me ensine, me conduza, me mostre o caminho duma outra realidade”, suplicou Jörn, elevando meus ossos para o topo da cama.

“Quero ousar. Tomo a liberdade de invadir o espaço do seu segundo travesseiro”, ele prosseguiu, buscando mais um beijo, devidamente avinagrado em suave ternura.

Eu, o Homem da Palavra, era incapaz de encontrar frases adequadas. Elas permaneceram ocultas em algum lugar enevoado da minha mente ambígua.

Assenti com alegria os anseios daquele homem. Bailei com carinho meus dedos finos por toda extensão do seu rosto salmão, sugando o suor da sua testa larga com a ponta do meu direito indicador.

“Eu não estou fodendo com um homem, McBee. Eu descobri, no pouco tempo em que compartilhamos vivências, que o Amor realmente não tem sexo. Céus, quanta bobagem! Quanto desperdício de energia que os Ignorantes gastam na imposição do ‘Natural’!

“Eu sou um homem. Um homem que amou somente uma mulher”, clamou o viúvo, agarrando minhas faces afogueadas a tremeluzir no centro das suas palmas glaciais.

“Mas agora eu sou um macho que descobriu uma terceira maneira de amar, de viver, de sentir o que eu não preciso compreender. Apenas devo aceitar a beleza de algo realmente celestial!”, sussurrou Jörn, onde seus lábios úmidos consumiam minhas lágrimas arenosas.

Bocas e Pérolas e Espíritos libertos das Trevas.

“Amar é divino. É Compreensão e Sacrifício. Veja você, Fruta McBee. Você invadiu meu destino, livrando-me por duas vezes do abandono, aconchegando meus medos nos seios das suas asas unicórnica. E, com sua força, nossa, como eu sou grato a você, afastando-me do abismo que eu mesmo cavei para mim. Você aceitou ficar ao lado de um homem abatido, doente, mentalmente perturbado, dando-lhe incentivos para reaprender a viver. Você aplicou em mim tudo aquilo que você expõe tão lindamente nos seus artigos semanais. Você me amou sem cobranças, sem esperar nada em troca.

“E eu, que vivia na companhia do Preconceito e da Ignorância; que em muitos dias cheguei a ter nojo de você – oh, meu amado, me perdoe por afirmar isso agora! – pelo simples fato de você ser ‘diferente’. Que tremendo absurdo! Por favor, eu lhe imploro: não me odeie!

“Em você eu fui capaz de compreender o valor da verdadeira amizade. Em você descobri a importância de se dar às pessoas os objetos materiais que já não devem mais ser parte integrante de nós mesmos. Em você eu redescobri a alegria de ser valorizado, incentivado, aceito nas minhas limitações.

“Vem, Fruta McBee. Proporcione ao seu Tosco a última lição dessa jornada tão difícil, gratificante, inigualável. Vem, deposite o peso da sua alma linda por sobre esse meu corpo não mais ignorante, defasado na agonia. Deixe-me sentir o calor dos seus beijos por horas sem fim. Ensina-me a ser Ativo e Passivo e Completo nos mistérios do sexo que só dois masculinos podem realizar.

“Vem, McBee. Realize o amor comigo. Agora!”

* * *

Afirmar que foi algo mágico, surreal ou nirvânico seria cair no lugar-comum.

Todos nós deveríamos ter a oportunidade única de “realizar o amor” ao menos uma vez na trajetória de uma vida.

E foi isso que eu compartilhei com Jörn: AMOR.

Entrelaçamos nossos corpos, entregando nossos etéreos vergados ao sabor de carícias incessantes.

Duas bocas sugavam todas as serpentes e a combinação de salivas candentes se transformou num néctar delicado, saboroso, além da compreensão de Baco.

Ah, aquele incrível hidromel invejado pelos anjos. Elixir que somente humanos são capazes de alquimiar enquanto se amam, durante a fusão indescritível entre Matéria e Verdades.

E na troca arrebatada de beijos atrapalhados, reconheci que eu estava perdidamente apaixonado por Jörn “Anta Cabeçada” Tetzner.

Dos beijos motocontínuos, partimos para a serena troca de olhares a perscrutar belas minúcias em todas as curvas dos nossos corpos lácteos.

Inaugurando momentos de tranquilo aprendizado e consciente submissão, minha boca percorreu sem pressa cada poro da pele vermelha do meu inquieto alemão.

Nos pontos mais sensíveis, eu intensificava a supremacia da minha língua, e o brucutu se contorcia, se debatia, se rebelava nos recônditos do excepcional prazer oral. Com a destreza das minhas mãos experientes, massagens revigorantes inundaram aquelas coxas fartas de pelos longos e dourados. E a língua – sempre ela! – ampliava suas conquistas no imaculado centro do equilíbrio de um macho despavorido.

Com beijos ora sensíveis, ora selvagens, desbravei a mata virgem. Com mordidas deliciosamente estúpidas, plantei meus sinais em cada centímetro daqueles montes macios, outrora inexplorados.

Sentir a textura intacta de cada prega daquele círculo rosáceo, pulsante, delirante, que consumia e mordiscava e engolia aos poucos a ponta da minha língua perversa; era algo mais viajante do que consumir a totalidade de opiáceos existentes no planeta!

“Por que você precisa de tantas drogas... se o fazer amor nos deixa maravilhosamente baratinados?”, eu sempre dizia isso a Gut, depois que passamos a transar embalados nas suas pedrinhas.

Recordações sem sentido.

Vamos voltar ao que interessa.

Jörn estaqueou em transe. Pelos e músculos fundidos numa estrela de oito pontas, iguais a um esboço aprovado por Da Vinci.

Sua alma pairava sobre minha performance, onde seu infinito pulsante aplaudia e aprovava com louvor todos os meus atos sobrenaturais.

Masturbei com a boca e a palma da minha mão direita os sexos de Jörn, sendo que um deles, de tão grosso, atormentado e rígido, parecia prestes a detonar a qualquer instante.

E foi exatamente isso que aconteceu.

O outro Jörn, galopando além da sétima galáxia, direcionou o poderio do seu jato a pollockear todas as paredes da minha boca diminuta.

* * *

Dezembro chegava ao seu derradeiro final.

Para suplantar a apunhalada de uma data fatídica pela cínica Lembrança, a Iludida, Lovland ganhou uma renovada e ostensiva decoração de Natal.

Ainda baqueados com o insolúvel ocorrido (e que nenhum nativo ousava comentar em público qualquer delírio referente ao acidente), múltiplos eventos foram realizados durante todo o mês, garantindo um ótimo fluxo de turistas (o verão chegara com força total) e muito trabalho e descontração, aliviando o fardo coletivo.

Discretamente, eu permanecia atento a qualquer alteração de humor em Jörn.

Nosso relacionamento – agora “namorando” – caminhava a passos precisos, decididos, renovadores.

O diálogo era o bonito alicerce da nossa união. Conversávamos sobre todos os assuntos, abertamente.

Respeitávamos nossas diferenças, aprendíamos a nivelar nossas manias e, o mais importante, administrávamos com equilíbrio, paciência e harmonia a totalidade dos nossos defeitos.

Já na cama – ah, a cama!

Quando se faz amor, o sexo torna-se só um complemento pra lá de secundário.

Eu e Jörn gozávamos durante nossos beijos intermináveis. Éramos capazes de atingir o clímax simplesmente acarinhando nossos músculos energizados. E nos mantínhamos aquecidos durante todas as madrugadas, arrebatando sem cessar os limites impostos pelo êxtase, apenas com a troca de olhares exaltados, seguidos de recuperados sorrisos radiantes.

Era patente que não estávamos mais só apaixonados; a paixão é um degrau sorrateiro. Permanecíamos imbuídos no Amor as vinte e quatro horas do dia, sete dias por semana...

... e o resto é uma questão de cálculos inexatos.

Terra

Vinte e quatro. Onze e meia.

Superado na superfície os problemas e as aflições de outrora, ao chegar à casa de Jörn naquela noite (eu permaneci fora por toda tarde, respeitando um pedido dele), encontrei um bilhete floreado sobre a cama de casal:

“Sven Fruta McBee.

*Estou no escuro, à espera da minha estrela maior. Tranque a porta, mude a roupa, pegue o segundo travesseiro e venha fazer amor comigo no terceiro território da nossa ilha sagrada. Teu, para todo sempre,
Jörn Tetzner”*

Após um banho apatetado, levei oito exatos minutos para seguir as ordens do meu amado.

Chegando ao nosso ninho, uma profusão de velas brancas e azuis alumiaava o centro de um tecido espesso, recheado de flocos de algodão reais e imaginários.

Era o meu edredom, transformado magistralmente num cenário-godard!

Com suavidade, pousei meu segundo travesseiro no lado direito da “cama”.

Jörn estava em pé, quase nu, encobrindo o sexo com seu segundo travesseiro.

Retirei o pomposo da frente do meu báculo sagrado, pousando-o com deferência sobre o meu sublime, ambos impregnados com nossa alquimia medieval.

Beijei a extensão vigorosa do meu homem, que em segundos adquiriu os traços de uma lança gigantesca.

Sólidas lágrimas de orgulho escorriam pelas sensíveis faces róseas do velho alemão. Os diamantes mais imponentes trilhavam o gracioso peitoral, repousando próximos aos seus mamilos robustos, umedecendo-os durante a passagem das minhas mãos ousadas.

Após um longo período degustando as delícias daquela carne que se debatia ferozmente nos arredores da minha garganta, Jörn puxou minha cabeça para o alto, buscando o primeiro beijo de uma noite repleta de estrelas não cadentes.

Deitamos no centro do oráculo dos prazeres.

Entre beijos e sorrisos cubistas, admirávamos, do nosso lado direito, as luzes do centro da ilha, muito distantes, onde ocorriam os festejos natalinos aos pés da igreja de São Crabedean.

Meu corpo foi posicionado para um ousado deleite.

De quatro, sempre “de quatro”.

Jörn penetrava na minha alma com suavidade, aumentando paulatinamente o ritmo das suas estocadas. Fundíamos a insolência dos nossos sexos numa só alegria.

Aprimorávamos as flexões de rabos e coxas e varas, ao mesmo tempo em que nossos corações bombeavam com ferocidade todos os nossos fluidos a vagar até os píncaros da glória.

Na décima segunda badalada, que ouvíamos com pouca intensidade, já era oficialmente o Natal. Uma chuva de fogos de artifício coroava a gozada mais espetacular que Jörn havia depositado aos cuidados do seu amor alienígena.

Empapados em suor parafinado, onde nos lambíamos como que à procura das últimas gotas de um elixir da juventude eterna, recuperávamos o fôlego para logo em seguida reiniciarmos o segundo ato das comemorações triunfais.

O vento surgiu de mansinho, apagando, como num passe de mágica, uma a uma das velas submissas.

Na escuridão, hipnotizados com o som da maré alta, Jörn brincava com o pequeno Bee, atijando-o com a ponta da sua língua áspera.

Beijando-o, sugando-o, deixando o mastro no devido estado de alerta, era a minha vez de agarrar dois travesseiros e gritar e espantar as quatro corujas de um falso apocalipse.

Após o sétimo minuto de uma preguiçosa madrugada, delinee os lábios peludos do meu amado com o segundo leite mais puro do bicho-homem.

Protegendo um ao outro no ardor do trigésimo sexto abraço, compartilhamos o mais denso e arraigado conflito de espadas superiores, fundindo a textura exata do verdadeiro segredo de um amor eterno.

* * *

Acordei com um sol fraquíssimo a eliminar os vestígios de um sonho reconfortante.

Nu, com um pouco de frio, procurei Jörn ao meu lado e só encontrei o segundo travesseiro vazio, salpicado de areia e saudades.

Lançando um olhar perscrutador por toda a extensão da praia, nenhum sinal aparente do meu amado num raio de dezenas de metros.

Nenhum sinal de vida numa centena de quilômetros!

Esquecendo calção e regata, compus um vestido medonho com o amarfanhado edredom jogado ao redor do meu corpo cada vez mais diminuto.

Nas mãos junto ao peito, eu segurava nossos segundos travesseiros de um jeito bamboleante, arrastando-me de volta ao meu outro lar.

A casa estava aberta, onde porta e janelas escancaradas permitiam a entrada pedante da luz calmante naquele dia de festas.

Sobre a mesa da cozinha, vi minha caneca de ágata azul descascada e, ao lado dela, uma folha de papel delicadamente enrolada, onde um laço simples de sisal prendia os segredos do canudo.

Um intrincado sino dourado repousava amordaçado numa das pontas de uma fita vermelha, completando a beleza do presente rústico, harmônico, sinceramente inesperado.

O bule com café ainda quente jazia sobre o fogão. Enchi meu caneco. Sorvi um baita gole.

Acreditando ser surpreendido por mais uma artimanha do meu “amigão”, abri com extremo cuidado e excitação a certeza de uma carta de amor, viajando na maravilhosa caligrafia de Jörn:

“Fruta McBee Tetzner,

Venerar seu corpo aveludado repousando, orvalhado, sobre o nosso edredom hoje na primeira hora solar, era como se emocionar com a última obra de um pintor renascentista, igual a um desses quadros doidos que a gente cansou de babar, juntos e bem agarrados, nas longas tardes onde curtíamos a companhia um do outro, apreciando os livros de arte que descobrimos naquela caixa repleta de traquitanas que você encontrou na sua garagem no último setembro. Ser amado – Céus, e como eu fui amado por você! – da maneira que só você me amou foi um dos melhores presentes que Deus poderia ter me concedido na vida. Descobrir as beatitudes do diálogo franco e direto que travamos durante tantas e tantas horas no decorrer dos meses em que ficamos unidos foi algo que enobreceu a minha existência de uma maneira tão grandiosa que, enquanto escrevo – estou chorando copiosamente! –, faltam-me palavras corretas para ilustrar a contento a grandiosidade do que sinto. Mas eu sei que você me compreende. Você – e só você! – possui o dom de me entender. Ter eliminado o preconceito da minha alma e descoberto que o amor entre dois seres que se desejam está acima de sexos

definitivos e roteiros preestabelecidos. Oh, como eu gostaria que o mundo soubesse disso e que as irmãs Ignorância e Hipocrisia fossem atiradas no fogo do Inferno (mas o inferno não existe, não é mesmo?) e aniquiladas para todo o sempre. Eu fui um homem feliz, pois vivi intensamente todas as variantes do Amor. Mas como um ser imperfeito, covarde e imbecil que eu sou, sucumbi aos desígnios do Oculto e já não estarei mais contigo quando você ler minha caligrafia destrambelhada. Não estou a redigir um testamento de despedidas. E, pelo menos, acredito que eu não sou egoísta como o teu Gut. Há uma resposta concreta para os meus atos falhos. Lembre-se de mim como o homem alegre e sensível transfigurado através do seu amor. Lembre-se de mim-eu-mesmo como aquele ser iluminado através não só dos seus artigos surpreendentes (eu nunca lhe falei, mas desde que vim morar em Lovland com minha família, eu jamais deixei de ler um texto seu sequer – sempre fui seu fã, desde o início), mas também abrilhantado por causa da sua companhia impactante. Não chore, pois ‘Eu vou sobreviver’. Levante-se, pois agora eu exijo que você bote Donna Summer pra tocar. Quero imaginar seus lábios e trejeitos a dublar ‘There will always be a you’, o nosso hino oficial! Você é um homem bom. Seu trabalho incentiva o melhor das pessoas (pode acreditar nisso!) e você vai encontrar alguém para preencher seu coração em definitivo. É o seu direito ser feliz ao lado do homem certo. O sortudo vai preencher sua existência, preencher todos os seus vazios repletos de inerências. Linda e as meninas partiram por causa da minha irresponsabilidade. Eu estou partindo agora por pura fraqueza, pois preciso reencontrá-las a qualquer custo (você está me odiando por isso). Não fique triste no Natal. Você não está sozinho. Aqui, agora, enquanto você acompanha minhas palavras covardes e sinceras, há certo alguém que está na sua mesma sintonia, passando pela mesmíssima situação que você e que será atraído pela sua luz que emana além-mar. Saiba que Linda foi minha mulher. Você é o meu macho! Adeus, meu companheiro, meu homem, minha outra vida. Perdoa-me no futuro pelos meus erros do presente. Não saia de casa. Tome mais uma dose de açúcar com café. Vá para a nossa cama,

chore um pouco, recorde somente os momentos maravilhosos que compartilhamos muito bem grudados. Abraça-me, beije-me, sinta a textura da minha pele cor de rosas e o cheiro do meu corpo açafião. Nunca se esqueça: Eu sou o seu Segundo Travesseiro.

Jörn 'Anta cabeçada' Tetzner

PS: 'S. G. R. é a resposta que minha intuição insiste em deixar rascunhada aqui, agora. Espero que você decifre o significado!

* * *

Anestesiado.

Estirado no chão do quarto embebido pelo sol das dez, sem coragem para encarar a cama sagrada, eu lia e relia e procurava com todas as minhas forças compreender a última atitude do meu amigão.

As horas passaram.

O Tempo ria da minha ausência forçada.

Eu só queria encontrar e amarrar a Dona Compreensão na altura do meu peito arfante, implorando por apenas UMA resposta!

De repente, lá fora, um cinza cada vez mais rabugento impunha seus domínios.

Aqui dentro, meu coração palpitava entre falhas agudas. Senti que o Vazio tragaría minha alma de uma só vez, a qualquer momento.

Quando eu me encontrava conformado para cancelar a respiração das minhas dores, um leve aroma cítrico impregnou um clarão em minhas faces.

Sem entender meus atos, passei a acariciar meus cabelos, minhas bochechas e o furinho lá embaixo do meu queixo.

Igual àqueles personagens que começam a voitar quando o cheiro de uma torta apetitosa baila sobre suas narinas, eu elevei meu corpo fragmentado e flutuei até o banheiro.

Encarando meu semblante abatido a refletir minha incompreensão no espelho bisotado, aquele aroma cítrico intuía minha mão trêmula a caçar uma tesoura escondida na terceira gaveta de um móvel marfim à minha direita.

De posse do metal afiado e reluzente, mantendo meu olhar fixo naquele outro Fruta, aparei com ferocidade a estrutura que sustentava minha linda cabeleira. Eu tinha que virar outra pessoa.

Interpretando minha canção de amor, curtindo meu lado quase “careca”, encharquei meu crânio com uma loção erva-doce, maravilhado com meu novo EU pronto para encarar qualquer realidade.

Uma procissão de lágrimas peroladas riscava minhas faces cor de rosas. O aroma outrora cítrico havia se transformado em perfume lavanda: o cheiro dos anjos!

A voz suave não me assustou, assim que pairou sobre meus ouvidos disformes:

“Sabe como reconhecemos um verdadeiro anjo? Basta olharmos seu furo no queixo. Quando bem marcado, indica a nossa verdadeira missão!”

* * *

Escolhi a melhor vestimenta dele que havia no guarda-roupa. Uma camisa branca, uma calça chumbo, um par de sapatos negros. Ignorei as meias.

Sentindo-me um pinguim fora de esquadro, deixei a casa de Jörn e ganhei as areias metalizadas, onde uma seta embebida em lavas indicava qual a trilha sonora que eu deveria seguir.

Dando o melhor na minha interpretação, eu cantava a plenos pulmões a nossa oração oficial, envolvendo-a num loop infinito, até o momento exato em que aquela voz angelical direcionou minha esperança para um quiosque abandonado.

Toda dor dera lugar a um estado de serenidade impossível de ser descrito por palavras humanas.

Jörn estava recostado na parede de madeiras carcomidas pelo sal, rindo e chorando e gritando e silenciado ao constatar o peso da nossa saudade.

Nada surpreso, como se soubesse de antemão o que estava reservado para nós dois, meu Anta Cabeçuda abriu os braços para me acolher.

Tranquilos e felizes, sem pedidos de perdão, fundimos de vez nossos espíritos libertos, abençoados pelo Amor materializado à nossa frente.

“Quando aqui cheguei, minha intenção era dar um basta ao meu sofrimento egoísta. Por mais que eu tivesse a certeza do nosso novo amor, eu sentia que estava traindo minha esposa e minhas filhas. Fraco e desnorteado, indisposto a carregar tamanha culpa, eu quis acreditar que por um fim à minha existência seria a solução de tudo...”, tagarelou Tetzner, abraçando-me como se não houvesse outro amanhã.

“Enquanto eu lhe escrevia a última carta, fui tomado por uma energia a me confundir os sentidos. O enigma martelava minha mente. Mesmo assumindo a resposta, eu não queria aceitar o resultado. Saí em disparada, acompanhado por um tormento inexplicável, até que ela apareceu”, Jörn apontava para Linda, que sorria emocionada, monalisa, encarando o casal pelúnico.

“Vocês têm o furo no queixo!”, disse o verdureiro, afogando-se em lágrimas de vívida alegria.

“S. G. R. sempre foi o mantra libertador”, proferiu Linda, acarinhando os cabelos molhados do marido.

Fechando o ciclo, Jörn brincava com o indicador a bailar sobre minha redoma superior:

“Oh, você ficou ainda mais lindo, meu carequinha amalucado!”

“Sonhando com o Grande Retorno”, eu sussurrei, inspirando o vento que vinha do Sul.

“Exato!”, completou Linda.

“Eu abençoo a união de vocês. Um dia nós estaremos todos juntos a brindar as necessárias descobertas. Expliquei para Jörn que eu e as meninas partimos sem mágoas, pois havíamos concluída a nossa passagem aqui na ilha. Felizmente, nada sentimos no segundo exato da reservada partida assim que nos desligamos da matéria. As meninas ainda repousam num transe necessário, reconstrutor. No tempo correto, elas saberão tudo o que lhes aconteceu.”

Linda nos envolvia em seu abraço magnífico, onde lábios amornados selavam o seu inefável toque fluídico em nossas bochechas trêmulas, suadas, não mais desfiguradas.

“Senhores, a minha história acaba aqui!”, afirmou o nosso anjo da guarda.

“A de vocês apenas começou”, Linda continuou a depositar seu bálsamo etéreo sobre o marido.

“Não há mais necessidade de sonhar com o Grande Retorno. Vocês dois devem viver e reescrever o Presente, aprendendo com as falhas do Passado, aprimorando aos poucos as vestes douradas do Futuro. Vocês aprenderão que tudo numa vida é tão simples!”

Linda se afastou. Eu e Jörn nos prostramos diante da sua luz acastanhada, embocando nossos joelhos na areia úmida.

“Eu te amo, Fruta Tetzner!”, disse Jörn, embebido num misto de euforia e serenidade.

“Eu te amo, Anta McBee!”, eu disse, enquanto aguardava o direito de selar a nossa união com o beijo mais incrível desse mundo!

“Nós nos amamos!”, afirmou Linda, acarinhando meu furo no queixo, ao mesmo tempo em que tocava a ponta do nariz do seu marido, um comovente costume silencioso do casal enquanto terrenos.

“O nosso próximo encontro será através de sonhos, não é mesmo?”, perguntou meu companheiro, mesmo já sabendo da resposta.

“Todo sonho é uma pura realidade!”, riu Linda, suavizando aos poucos a sua projeção.

“Eu, você, McBee e as meninas partilharemos a mesma sintonia, de agora em diante!”

“É hora do adeus?”, questioneei, um tanto apreensivo.

“Não existe ‘adeus’”, sussurrou Linda, beijando minha face direita.

“Apenas um ‘até breve!’, seu bobão!”, galanteou Jörn, querendo ser o especialista da Nova Era.

* * *

Vinte e quatro. Onze e meia.

Meu Anta Cabeçuda contava pela milésima vez as cestas enfileiradas na nossa varanda:

“Você acha que é o suficiente?”

Respondi um sonoro “sim” com o meu mais cativante sorriso. Ganhei um abraço desconjuntado, já que Jörn não era capaz de controlar sua ansiedade, nem os enchimentos da sua indumentária.

A Ranger do velho Nolla surgiu no horizonte.

Assim que ele desceu do valente veículo que implorava uma demão de tinta, disparou uma gargalhada capaz de acordar metade dos gnomos ancorados no nosso jardim.

“De quem foi a ideia?”, perguntou o marinheiro, sufocado em risos, de tanto azucrinar nossas fantasias.

“É claro que foi dele!”, apontou Jörn para o meu nariz vermelho que piscava sem parar.

“O.K., Rudolph e Santa. Hora de encantar as crianças!”, cantarolou o barbudo grisalho, abrindo passagem na caçamba da robusta picape.

Uma Rena gliterizada e um Papai Noel que mais parecia um João Bobo semi-inflável embarcavam as cestas carregadas de frutas, chocolates e caderninhos repletos de poemas motivacionais, inspirados pelo fantástico Amor que hoje faz questão de expor o seu Santo e Glorioso Nome!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**